Educação de crianças na Unicamp
algumas narrativas e depoimentos...

ORGANIZADORES

Adriana Missae Momma • Marta Regina Perissotto Dellai
Guilherme Scarpa Perli • Zilda Oliveira de Farias • Ligiane Regina Coelho

Capa e ilustrações: Renata Ragazzo Carpanetti

FoxTablet

ORGANIZADORES
Adriana Missae Momma • Marta Regina Perissotto Dellai
Guilherme Scarpa Perli • Zilda Oliveira de Farias • Ligiane Regina Coelho

CAPA E ILUSTRAÇÕES
Renata Ragazzo Carpanetti

Educação de crianças na Unicamp
algumas narrativas e depoimentos...

SALTO
2021

FoxTablet

A reprodução total ou parcial só é permitida
mediante autorização expressa dos organizadores.

Educação de crianças na Unicamp: algumas narrativas e depoimentos...

Adriana Missae Momma, Guilherme Scarpa Perli, Marta Regina Perissotto Dellai

Ligiane Regina Coelho, Zilda Oliveira de Farias

Capa e ilustrações

Renata Ragazzo Carpanetti

Diagramação e publicação

Jean-Frédéric Pluvinage / Editora FoxTablet

Ficha catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação de crianças na Unicamp [livro eletrônico] : algumas narrativas e depoimentos / Organizadores Adriana Missae Momma... [et al.]. – Salto, SP: FoxTablet, 2021.
120 p. : il.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-89010-30-2

1. Crianças – Educação. 2. Prática de ensino. 3. Professores – Formação. I. Momma, Adriana Missae. II. Perli, Guilherme Scarpa. III. Coelho, Ligiane Regina. IV. Dellai, Marta Regina Perissotto. V.Farias, Zilda Oliveira de.

CDD B869.3

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

FoxTablet | A editora completa | www.foxtablet.com.br

Produção de livros, revistas, jornais, eBooks e eMaganizes

(11) 4028-1533 | (11) 9.8689-1789 | contato@foxtablet.com.br

Renata Ragazzo Carpanetti

Ilustrações e Capa

Ilustradora e desenhista de singelezas.

Conhecida por nós como Rety e, desde 2015, trabalha como Professora no Centro de Convivência Infantil Integral (CeCII), da Divisão de Educação Infantil e Complementar da Unicamp (DEdIC).

Formada em Pedagogia pela mesma Universidade em 2011.

Admiradora de cores fortes, de caretas esquisitas e pororocas.

Gorda em ascensão e membra do PESQUISA GORDA – Grupo de Estudos Transdisciplinares das Corporalidades Gordes no Brasil.

Atua como brincante, contadora de histórias e trocadora de fraldinhas nas diferentes unidades da Divisão.

Esforça-se em entender quem é que ainda acha que a cigana é analfabeta depois de ler a mão de Paulo Freire, ou de quem bate continência para defender a democracia.

Colecionadora oficial de pedrinhas.

Autora da série de desenhos Gorda Voadora, dos figurinos de brega pop do C.R.A.U e das ilustrações do livro Brigada de Oxalá, de Tatiana Rocha.

Veste branco às sextas-feiras, espera o ilê passar para dançar com ele após os tempos pandêmicos e defende a ciência.

SIGLAS

BAS – Bolsa Auxílio Social, do Serviço de Apoio ao Estudante da Unicamp
BC – Biblioteca Central da Unicamp
CeCI – Centro de Convivência Infantil
CeCII – Centro de Convivência Infantil Integral
CeCIP – Centro de Convivência Infantil período Parcial
CECOM – Centro de Saúde da Comunidade da Unicamp
DEdIC – Divisão de Educação Infantil e Complementar
DEEPU – Diretoria Executiva de Ensino Pré-Universitário
FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro
FUNCAMP – Fundação para o Desenvolvimento da Unicamp
PRODECAD – Programa de Desenvolvimento e Integração da Criança e do Adolescente
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
SAE – Serviço de Apoio ao Estudante

Sumário

Semente 8
Para começo de conversa 11
Guilherme do Val Toledo Prado
Memórias, esquecimentos e formação humana na construção de uma história da DEdIC por seus sujeitos 13
Adriana Carvalho Koyama

Educação de crianças na Unicamp - algumas narrativas e depoimentos 16
Abé Restrepo 19
Adela Parra Romero 25
Adriana Oliveira dos Santos – 26 anos de DEdIC... 26
Ahuaugu Kuikuro 30
Alcides Rosalem 35
Alex Calixto de Matos 36
Ana Paula Barraca Cruz – Memórias e vivências na coordenação do CeCI Parcial da DEdIC 37
Antônio Rogério Batista do Prado 40
Cristiana Magno de Lima 42
Eladio Tavares Hernandes 44
Eliane Mara de Carvalho Corsi 46
Estelamares Silva dos Santos Moraes 48
Eunice Conceição Ferreira da Rocha 51
Francilaine Paz Sampaio 53
Guilherme Scarpa Perli 56
Helena Nunes Dibbern Quaglio 57
Ligiane Regina Coelho - Coordenação do PRODECAD, algumas reflexões 58
Luciene Alves Peccin 59
Margareth Rovaris – Serviço social na DEdIC 61
Maria Fátima da Silva 63
Maria Jacira Lopes Macedo - Caminhos e caminhadas... 64
Maria José Camargo Silva 66
Marta Regina Perissotto Dellai – Coordenação de um centro de convivência infantil em tempos de pandemia 69
Michelle Cezarini Santos Momente 75

Nelson Francisco 78
Osvaldo Loverci Gomes 79
Rafael Martins 81
Raquel Fatima Formenti do Valle 83
Renata Ragazzo Carpanetti 87
Sebastião Martins Vidal – Um jardineiro poeta 93
Valquíria Salustiano Pereira - Crianças pequenas e experimentações na academia: relato de uma professora 99
Yanapa M· Kuikuro 101
Zilda Oliveira de Farias 102

Epílogo 1 – Divisão de Educação Infantil e Complementar – algumas reflexões 109
Adriana Missae Momma
Marta Regina Perissotto Dellai

Epílogo 2 – Um convite para outros escritos 114
Adriana Missae Momma

Súmula Curricular 117

Semente

Este ebook originou-se da necessidade de escuta que se faz imprescindível a qualquer pessoa quando adentra um espaço e contextos desconhecidos e que possui diversas e diferentes narrativas, pelo simples fato de ter um tempo, uma história e inúmeros sujeitos envolvidos.

Diante deste desafio, na perspectiva de uma sistematização, Guilherme Scarpa Perli, estagiário de comunicação, abraçou comigo esse projeto, cuja semente foi lançada e, talvez, pelo fato de ele ter adentrado na DEdIC (Divisão de Educação Infantil e Complementar) no início do segundo semestre de 2017, sua abertura para o "novo", fez germinar este registro.

Enquanto Guilherme efetivava os diálogos com alguns autores destes escritos e as transcrições, consolidamos a parceria com a professora Zilda Oliveira de Farias e os graduandos-bolsistas do Projeto de contação de histórias indígenas que escreveram o texto em forma de memorial[1].

Somaram-se para esta empreitada, ao longo do caminho, as professoras Marta Regina Perissotto Dellai, Ligiane Regina Coelho, Renata Ragazzo Carpanetti, o professor Guilherme do Val Toledo Prado, professora Adriana Koyama, demais professoras, funcionárias, mães, pais, crianças crescidas....

Nos 04 anos de convivência na DEdIC, com os profissionais, familiares, crianças e comunidade, tive uma vivência intensa e, apreender o que é a educação infantil na Unicamp, constitui-se um desafio, de escuta, diálogo e pesquisa para todos os que desejam saber um pouco mais a respeito.

Meu agradecimento a todos da DEdIC e, em especial ao Prof. Dr. Marcelo Knobel, Exmo Reitor desta excelente Universidade (abril de 2017 a abril de 2021), sua equipe, que confiou a mim e a um coletivo o desafio de contribuir um pouco com a história desta instituição tão importante na educação de crianças.

1. Há textos que se originaram de entrevistas efetivadas pelo Guilherme Perli e que, em seguida foram transcritos e revistos, outros textos foram escritos em forma de memória/narrativa, como no caso dos graduandos indígenas e, ainda, há aqueles escritos elaborados por algumas professoras pouco antes da editoração do e-book, por isso a leitora ou o leitor poderá observar pequenas nuances ou diferenças nos respectivos relatos.

unicamp
dedic
criança
educação
ceci
htpc
bebê
infâncias
cuidado
trabalho coletivo
educação—cuidado
família—escola
universidade
professora
integração
vivência
brincadeiras
formação continuada
universidade estadual de campinas
conselho escolar
ceci fop
afeto
toque
ppp
ps
indígenas
sol
ldb
fef
funcamp
dgrh
cecom
cultura
criança—adulto
escuta
prodecad
imaginação
pré—escola
oficina
fralda
fenf
dma
fcm
aprendizagens
eca
diálogo
biblioteca
berçário
ceci berçário
recreacionista
não formal
ética
livre
gelatina
brinquedos
flor
areia
deepu
depi
curriculo
infanto—juvenil
dman
zeferino vaz
benin
stu
professora de educação básica
gênero
sae
copeira
contação de histórias
vagas
cipa
diretórios sociais
mudança
técnicas de apoio
bas—saz
chuveiro
lampadora
angela
carreira
barraca
bolsista bes
greve
alegria
toldo
solário
cidadania
diferença
etnia
escuta
aldeia
papel
meet
vogt
terra
projeto
reitoria
campinas
knobel
ofício
ceci
visita
roda de conversa
blog
bebê
amora
sono
massinha
circular interno
lápis
auxiliar administrativo
psicomotor
responsável
parceria
mãe
conteúdo
público
kariri—xocó
down
leitura
maternal
pai
enfermagem
paepe
criança—criança
faltar
nutrição
f1
ceci integral
dga
enfermeira
experiência
letramento
fralda
trocador
jogos
projeto político pedagógico
plano de trabalho
almoxarifado
tanque de areia
pedagógico
almoço
continente africano
jantar
brito cruz
aeplan
parcipação
barão geraldo
quadra
assistente social
odontopediatria
terceirizada
corpo e movimento
nutrição
diversidade
brasil
raça
1/3
inclusão
meio ambiente
parque
live
dedic
mordida
vogt
nutricionista
fop
respeito
cozinheira
vínculo
guarita
fe
artes
link
hc
htpc
cas
prdu
pedagogia
magistério
csa
creche área da saúde
covid-19
lanche
humanização
graduação
dea
planta
etnico—racial
febre
transformação
pós—graduação
berçário
formiga
ferreira
afelo
eca
livre
gelatina
ética
vivência
não formal
recreacionista
berçário
dea
planta
magistério
csa
pedagogia
integração
prdu
respeito
cozinheira
vínculo
guarita
fe
bebê
htpc
hc
diversidade
brasil
raça
1/3
cuidado
inclusão
meio ambiente
parque
live
brincadeiras
mordida
vogt
nutricionista
fop
htpc
parceria
mãe
conteúdo
público
kariri—xocó
down
leitura
maternal
pai
enfermagem
paepe
criança—criança
faltar
ceci fop
professora de educação básica
stu
benin
zeferino vaz
dman
depi
curriculo
infanto—juvenil
deepu
areia
brinquedos
flor
cecom
mudança
técnicas de apoio
bas—saz
chuveiro
lampadora
angela
carreira
barraca
bolsista bes
greve
alegria
toldo
solário
cidadania
diferença
etnia
escuta
aldeia
papel
meet
vogt
terra
projeto
reitoria
campinas
knobel
ofício
ceci
visita
roda de conversa
blog
bebê
amora
sono
massinha
circular interno
lápis
auxiliar administrativo
psicomotor
responsável
parceria
mãe
conteúdo
público
kariri—xocó
down
leitura
maternal
pai
enfermagem
paepe
criança—criança
faltar
ceci fop
professora de educação básica
stu
benin
zeferino vaz
dman
depi
curriculo
infanto—juvenil
deepu
areia
brinquedos
flor
cecom
mudança
técnicas de apoio
bas—saz
chuveiro
lampadora
angela
carreira
barraca
bolsista bes
greve
alegria
toldo
solário
cidadania
diferença
etnia
escuta
aldeia
papel
meet
vogt
terra
projeto
reitoria
campinas
knobel
ofício
ceci
visita
roda de conversa
blog
bebê
amora
sono
massinha
circular interno
lápis
auxiliar administrativo
psicomotor
responsável
parceria
mãe
conteúdo
público
kariri—xocó
down
leitura
maternal
pai
enfermagem
paepe
criança—criança
faltar
ceci fop
professora de educação básica
stu
benin
zeferino vaz
dman
depi
curriculo
infanto—juvenil
deepu
areia
brinquedos
flor
cecom
mudança
técnicas de apoio
bas—saz
chuveiro
lampadora
angela
carreira
barraca
bolsista bes
greve
alegria
toldo
solário
cidadania
diferença
etnia
escuta
aldeia
papel
meet
vogt
terra
projeto
reitoria
campinas
knobel
ofício
ceci
visita
roda de conversa
blog
bebê
amora
sono
massinha
circular interno
lápis
auxiliar administrativo
psicomotor
responsável

Neste singelo documento[2], há 32 pessoas que narram suas percepções a partir de suas vivências nesta instituição, trazendo uma sensação de nostalgia para quem habita, atualmente, outros espaços; sensação de desafio e reflexões para quem permanece no trabalho laborioso e primoroso de educar crianças; curiosidade para aqueles que intencionam pleitear uma vaga para uma filha ou um filho...

Tais depoimentos são singulares e, embora sejam um recorte pequeno em termos estatísticos, são grandiosos e plenos para trazer, a partir de um olhar, o que significou esta aprendizagem social e institucional num determinado momento histórico. Que este seja um registro, dentre muitos outros que versam com a delicadeza necessária sobre a educação de crianças, a educação infantil na Unicamp e suas intersecções.

Boa leitura!

Adriana M. Momma

2. A nuvem de palavras foi elaborada por Adriana Momma, utilizando-se o seguinte aplicativo: *https://wordart.com/create*

Para começo de conversa...

Guilherme do Val Toledo Prado[3]

Conversa de começo para···
De conversa, começo para···
Começo de conversa para···
Para conversa, de começo···
De começo, para conversar···

Para dizer do livro "A Educação Infantil na Unicamp, algumas narrativas e depoimentos" fiz a escolha de iniciar esse texto com um dos fortes sentimentos que me tomaram ao finalizar a leitura dos escritos aqui inscritos.

Começo dizendo da alegria de ver nas palavras enunciadas pelas autoras e autores o quanto elas são relativas às brincadeiras e brinquedos, sentimentos e pensamentos recorrentes e que expressam uma intensa relação de respeito com as crianças e o trabalho pedagógico-educativo ali realizado, naquele espaço que, na sigla que o designa – DEdIC – uma peraltice se anuncia.

De pronto, cada narrativa, cada depoimento, garante aos leitores e leitoras, não só conhecerem cada autora e cada autor, como também, não força da breve escrita que se apresenta, é possível iniciar uma boa conversa, digamos, educativa...

Conversa sim! Conversa com cada autora e autor que, comprometidos com e participantes dos processos educativos, fazem-nos relembrar de nossos momentos infantis e valorizar todos os acontecimentos que, livres em nossos atos expressivos, conseguimos construir com relações afetivas marcantes e balizadoras de valores humanos respeitosos e acolhedores.

Para começar, podemos imaginar a DEdIC como um espaço, delicado e dedicados aos aprendizados, arrumado e preparado, pedagógica e educacionalmente, para construir situações desafiadoras às crianças e jovens que ali estão... Mas esses espaços, na DEdIC, são esparsos e configurados a partir de outras letras – CeCI FOP, CAS/ CeCI Parcial, CeCI Integral, PRODECAD.

3. Professor Livre-Docente da Faculdade de Educação da Unicamp. Pesquisador do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

Cada cantinho do CAS (CeCI Parcial), cada lugarzinho dos CeCI Integral, cada espaço do PRODECAD, seja às sombras das árvores, seja iluminado pelos refletores das salas é cuidadosamente organizado para favorecer situações que potencializam aprendizagens relacionais, na troca crianças--crianças ou crianças-adultos, ou aprendizagens culturais, construídas a partir dos conhecimentos e saberes mobilizadas pelas educadoras e educadores que ali constroem um cotidiano educativo potente e potencializador.

E com isso, cada autor e cada autora presente nesta coletânea, generosamente organizada pela Adriana, Marta, Zilda e Ligiane e pelo Guilherme, evidencia como se relaciona com cada cantinho, cada lugar, cada espaço e como significa e dá sentido às sombras e luzes presentes nas relações interpessoais constituídas nesta lúdica sopa de letrinhas – DEdIC, CeCI FOP, CAS/ CeCI Parcial, CECI Integral, PRODECAD...

Por fim, para não terminar, mas para dar continuidade à essas ricas conversas, estimulo cada um e cada uma a também constituir-se autora e autor, produzindo na conversa com os sujeitos presentes nesta coletânea, ricas rememorações dos tempos de infância, lembranças das peraltices escolares, imagens de encontros alegres com os colegas dos inúmeros espaços educativos que povoam nossas memórias...

E como Mario de Andrade, que tão bem valorizava os espaços infantis, termino este breve prefácio brincando com as letras:

DEdICo estas linhas às inúmeras infâncias
Presentes nos céus das bocas de cada criança
Prontas para dar saltos e pulos insistentes
E com isso, construir pontes entres adultos e jovens
De modos intermitentes...
CeCI, CAS, PRODECAD
Produzindo culturas, à vontade!

Que cada narrativa e depoimento aqui presentes possam traduzir o sentimento e o pensamento de uma educação comprometida e dedicada à construção de novos caminhos sociais de igualdade e participação democrática.

Memórias, esquecimentos e formação humana na construção de uma história da DEdIC por seus sujeitos

Adriana Carvalho Koyama[4]

O Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova York realizou, em 2012, uma exposição que explora as relações que entretecem a arte e o design das vanguardas artísticas do início do século XX aos movimentos experimentais em Educação daquele período. Um dos destaques da exposição foi a relação que o arquiteto Frank Lloyd Wright apontava entre sua obra e a experiência infantil de construção de brinquedos e formas com os materiais geométricos criados por Friedrich Fröbel[5]. As relações, tão pouco conhecidas, entre a formação, na primeira infância, do arquiteto, e a criação de obras de arquitetura que mudaram a paisagem urbana contemporânea, intrigam e nos fazem vislumbrar o quanto esses anos iniciais de nossas vidas podem ser potentes na produção e recriação de nossas práticas culturais.

Lembro como, no meu jardim da infância, tínhamos na sala cada um seu "tapetinho", retângulo de linóleo no qual precisávamos ficar durante as atividades de exploração dos materiais educativos e, na fase final, na aprendizagem da escrita e da leitura. Se nos primeiros anos a conversa corria solta, nos últimos o imperativo do silêncio era lembrado pela freira professora com toques do lápis em sua mesa, e a nós só era permitido sussurrar baixinho. Percebo o quanto essa iniciação me educou os sentidos e sensibilidades, no gosto pelo silêncio, no trabalho solitário, na concentração do pensamento, no ouvido apurado, na fala mansa e na voz que tem dificuldade de se impor. O controle involuntário da voz só cede, hoje, na alegria da aula de canto.

Como nessas minhas lembranças, que o convite tão especial para a escrita desse texto me provocou, assim percorro, nos textos desse belo livro coletivo, memórias sensoriais, involuntárias, gestos cujo rastro custamos a encontrar, felicidades e sentimentos difusos de saudade, que se oferecem

4. Docente e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Educação - FE Unicamp. Pesquisadora colaboradora do GEPEC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada).
5. *https://www.moma.org/calendar/exhibitions/1222*

nos fragmentos de memória trazidos pelo coletivo que constitui, entre passado e presente, a história da DEdIC vivida por suas crianças, entrecruzada às experiências profissionais de educadoras e educadores de diferentes campos de atuação que lá trabalham ou trabalharam, em diálogo com as crianças e suas famílias.

Nos relatos desse coletivo que aqui se apresenta, percebo as marcas da Unicamp em nós, a singularidade das relações democráticas que percorrem a universidade, instituídas desde os seus primeiros movimentos, em busca de outros futuros, ainda durante a ditadura civil militar, nos anos 70. Fiz minha graduação em História na Unicamp, entre 1980 e 84, vivendo no cotidiano da universidade a construção democrática, o enfrentamento das tensões e dos dissensos em fóruns coletivos, que se instituíram de forma singular, única talvez, entre as universidades brasileiras, possibilitando-nos a experiência formativa do diálogo democrático, com seus conflitos, ambiguidades, contradições e impasses, na construção coletiva da instituição, naquele presente e em seus projetos de futuro socialmente referenciados. Essa experiência foi um contraponto instituinte e libertador para mim, que vinha de sucessivas experiências escolares fortemente autoritárias e hierárquicas. Do mesmo modo, percebo como se coloca com clareza e beleza, esperançosa, nas memórias movimentadas neste livro de história da DEdIC, a potencialidade formativa que as relações informais têm nas nossas práticas culturais, presentes na escola e na universidade.

Na leitura desse livro, a DEdIC é..., narrada por seus sujeitos, renova em mim a construção da esperança de outros futuros, no encontro que provoca entre os fragmentos de memórias vividas da ditadura que me assaltam durante essa escrita e as experiências do presente.

Memórias da primeira infância podem parecer se apagar, e ao falar das experiências então vividas, muitas vezes nos vemos sem ter muito que dizer. Mas, mesmo esquecidas, deixam marcas profundas nas nossas experiências vindouras, nas nossas sensibilidades, na forma como reexistimos no mundo da cultura. Se a escola é o lugar de criação e recriação do mundo, de produção cultural, como nos lembra Jan Masschelein[6], os fios

6. MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola:** uma questão pública. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

que compõem esse livro nos apresentam imagens dessas tramas, desses tecidos coletivos, e, ao fazê-lo, afirmam possibilidades mais solidárias e humanitárias de conviver, trabalhar, ensinar e aprender o estar no mundo.

Nas memórias de seus sujeitos percebemos, ainda, os fios que conectam suas vidas à constituição de uma história institucional da DEdIC, de seus projetos, seus deslocamentos, suas sucessivas formações, construindo, de forma caleidoscópica, sem que se afirme uma verdade única e um tempo linear, uma compreensão da DEdIC como um lugar historicamente constituído na Unicamp, nas vozes e experiências de sujeitos que aí viveram e que à DEdIC dedicaram suas vidas, conhecimento e afetos. Palco de encontros e de tantas histórias de vida entrelaçadas. Jovens trabalhadores e estudantes de graduação com bolsas trabalho que vão se formando e fazendo da DEdIC sua referência de trabalho, como sinônimo de vida e de acolhida, o seu Sebastião que, órfão bem cedo, reencontra a primeira infância aos oitenta anos, com suas crianças, por meio de quem compreende ser Sebastião, poeta dialógico *dedic*ado, professores que se envolvem nos cuidados com esse lugar, que pode até ter sido sua primeira escola, ou a de seus filhos, tantas vidas entrecruzadas nos desenham as leituras deste livro. Um presente. Parabéns às autoras e aos autores.

Educação de crianças na Unicamp

algumas narrativas e depoimentos...

Abé Restrepo

Meu nome é John Alexandre Dias Restrepo, meu nome étnico é Abé (filho do sol). Sou indígena da etnia Dessana, da aldeia Aparecida que fica a 10km do município de São Gabriel da Cachoeira no Amazonas, a região mais conhecida como a cabeça do cachorro. Aos meus três anos de idade perdi meu pai, e até hoje sonho um dia em rever o rosto dele. O meu pai se chamava Tomás Restrepo (Dessano), nascido numa região da Colômbia que faz fronteira com o Brasil, e minha mãe se chama Sofia Alvares Dias (Tukana, Yúpahkó), nascida na região do rio Papuri no Brasil, que faz fronteira com a Colômbia.

Já faz 23 anos que o meu pai faleceu e já passei 23 vezes os dias dos pais sem tê-lo ao meu lado, é triste. Todo ano que passa fico pensando e me perguntando como seria o dia dos pais se ele estivesse comigo. Na escola, todo ano havia comemoração do Dia dos Pais, eu e minha irmã sempre ficávamos sós, todos ganhando presentes, abraçando seus filhos e, eu e minha irmã sempre no canto, as lágrimas corriam e a emoção apertava o nosso coração.

Em uma certa ocasião fiz uma poesia para o dia dos pais. No dia da apresentação não me aguentei e comecei a chorar e pude contar com o auxílio do professor para terminar a leitura. Em casa, minha mãe aguardava, sempre querendo esconder as lágrimas, mas quando chegávamos ela não resistia, abraçava-nos e chorávamos juntos, e dizia "um dia vocês irão conseguir tudo que vocês sonharem e tudo que querem, a vida não é fácil, e nunca se sintam derrotados", e com isso ela conseguia nos acalmar.

Atualmente sempre me lembro das palavras que um dia minha mãe me disse. São palavras que me incentivam a lutar por uma vida melhor para mim e para minha aldeia. Desde que tenho seis anos moro na minha comunidade que se chama Aparecida. É uma pequena comunidade, moramos com etnias diferentes, Dessanos, Tukanos, Piratapuya, Hupdé, Hupdas, Yanomamis, Xurimã, Tarianos. A maioria dos moradores da comunidade entende e fala mais a língua tukano, mas, nas suas casas as famílias falam a sua língua materna.

Em 2008 terminei o ensino médio no colégio Estadual Dom João Marchesi, e no dia 12 de dezembro houve a formatura dos colegas. Nesse dia eu não estava presente porque minha mãe estava viajando com minha irmã, estava em Manaus. Nesse dia fiquei muito triste, porque para mim era uma data única, uma data que nunca mais irá se repetir na minha vida. Nessa noite chorei muito. No outro dia quando acordei bem cedinho o meu tio (padrasto) se aproximou e me disse "não fique triste, não é por mal ou por que ela não quis estar em sua formatura que ela viajou, é por que sua irmã estava precisando de tratamento", olhei para ele e não disse nada, parecia que o meu silêncio dizia tudo, virei-me e decidi ir me banhar no igarapé. Ao chegar no igarapé encontrei o meu primo, que dizia "cadê? queria tomar o resto", referindo-se ao resto de bebidas da festa de formatura. Fiquei ali em silêncio e reflexivo no igarapé até que todos se fossem. Em seguida, ouço distante meus sobrinhos, um de cinco e outro de seis gritarem: "vovó chegou, vovó chegou". Diante da ausência de reação de minha parte eles se aproximaram e falaram "estamos falando a verdade". Pareciam muito engraçados, quando um deles demonstrou que queria chorar, eu percebi que não era uma brincadeira, então saímos juntos correndo rumo à minha casa. Não era muito perto, os pequenos ficaram muito cansados e ficaram para trás. Quando chegamos em casa minha mãe estava sentada na mesa chorando, tive a impressão de que minha irmã não estava e por dentro perguntava-me, será que minha irmã morreu? Quando me aproximei minha mãe veio até mim e disse "filho te peço desculpas por não ter chego a tempo para sua formatura".

Mas não fiquem preocupados com a minha irmã, ela acabou ficando no porto de Camanaus. Local onde todas as embarcações que vão de Manaus ficam.

Quando me acalmei minha mãe disse "não cheguei a tempo, mas trouxe uma coisa para você" e eu me empolguei. Achei que fosse um vídeo game que eu tinha pedido para ela comprar para mim, mas tive uma grande surpresa, quando ela retirou da sacola... Era a roupa que eu deveria ter usado na minha formatura. Tive a sensação de que o mundo tinha sumido nesse momento, não sabia se chorava ou ficava feliz. Ela dizia "vista-se para ver se fica bem em você". Eu meio tímido comecei a me vestir. Primeiro a calça, e logo a surpresa: a calça era muito grande.

A minha mãe dizia "não tem problema, olha que acompanha um cinto". Coloquei o cinto e apertei: me senti um saco de batata bem amarrado. Logo depois veio a camisa. Acho que era social, nem sei como eu vou dar esse nome. Usei, mas logo percebi que ela era grande. Terminei de colocar tudo. A camisa era grande, a calça era grande, só faltava uma coisa, o sapato. Achei que não tinha, mas ela havia comprado também. Imagine o número do sapato?! Tamanho quarenta. Logo, perceberam que se ela tivesse vindo um dia antes do mesmo jeito eu não teria ido para minha formatura, porque tudo que eu deveria usar estava muito grande. Minha mãe ainda falou "achei que tu tivesses crescido". Eu mal tinha acabado de completar 17 anos.

Nesse mesmo dia passou um filme na minha cabeça. Lembrei-me dos dias que eu me levantava cinco horas da manhã e quando era às seis estávamos indo para a roça. A caminhada era de quarenta e cinco minutos mata adentro. Era muito bom ir para a roça, porque na roça tinha cana, abacaxi, cubiu. Bem cedo começávamos a capinar, por volta das nove horas nós tínhamos que ajudar a arrancar a mandioca, quando era dez e meia, lá estava eu com saco de mandioca nas costas rumo a casa. Imagine quarenta e cinco minutos com peso, quase mais de cinquenta quilos. Chegava em casa às doze horas. Cansado, mal chegava e ia me banhar no igarapé. Nem sempre nos alimentávamos devidamente. Mas tínhamos a famosa quinhapira e outras vezes só pimenta. Dava para ver até o fundo da panela. Às vezes tinha, estava recheada de maniuara, e o jeito era comer para não ficar com fome. E eu comia, e muito me entalava de maniuara. Agora longe, sinto falta. Pode parecer engraçado, mas era o que tínhamos. Às doze e quinze passava o ônibus indo para o porto de Camanaus, hora que minha irmã chegava, e ela já sabia o que lhe esperava: o saco de mandioca para raspar. Dez para uma o ônibus estava em nossa parada. Tinha ônibus, às vezes. Isso tudo passou na minha cabeça. Quando acordava nos dias de chuva e ia para roça. O sol que fazia na roça era de rachar a costa. Nesse momento que pensei nisso tudo, passou um filme na cabeça. E até hoje me lembro desses dias: lembro-me dos momentos felizes e das dificuldades que eu passei e passo hoje em dia, mas sou um guerreiro e vou vencer. Estando aqui já me sinto um vencedor, e ficarei mais feliz quando minha mãe chegar.

Depois de formado passei dois anos na roça ajudando minha mãe e nos finais de semana ia com meus amigos jogar bola nos torneios que as comunidades, às vezes, organizavam. Em 2010 entrei para prestar o serviço militar e, em 2012, saí do exército. Não me identifiquei... Em 2012 prestei o vestibular da UEA (Universidade do Estado Amazonas), tinha passado em Matemática, mas não fui, porque era para estudar em Tabatinga.

Em 2013 prestei mais uma vez o vestibular da UEA, e passei novamente, em Gestão de Turismo. Conclui o curso e no dia da formatura pensei que iria mudar, ou seja, iria encontrar um emprego fácil. Não foi assim que aconteceu. Fiquei um bom tempo desempregado, não por eu não querer, é que é muito difícil encontrar trabalho, [...], enfim, depois pensei em fazer uma pós-graduação, mas me faltaram recursos.

Em 2018 quando abriu o edital do vestibular indígena da UNICAMP fiquei feliz. Quando cheguei em casa falei para minha esposa "vou tentar fazer o vestibular, quem sabe eu passo e vou estudar". Ela olhou para mim e disse "é bom que faça, se você passar seria bom para nós dois", então fiz a minha inscrição. Optei em fazer Letras na primeira opção, e na segunda, Enfermagem. Para mim estes cursos são mais importantes, porque assim eu posso ajudar meus parentes e outras aldeias da região. Fiz a prova, passou alguns dias, e eu já havia me esquecido. Um dia estava no centro da cidade comprando açaí, e de repente ouvi uma voz bem longe. Parei e vi que não era comigo e continuei andando. Mais adiante ouvi mais uma voz e quando virei era a minha amiga Rosane. Ela me disse "você não vai?". Eu falei para ela, "para onde?". Quando ela falou "você passou na prova da Unicamp", eu nem acreditei. Então fui para FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro) e vi na lista. Lá estava meu nome. Fiquei feliz quando vi meu nome. Cheguei em casa e falei para minha esposa que eu tinha uma notícia para ela, e quando disse que eu tinha passado, no primeiro momento ela não acreditou, mas quando comecei a ficar mais sério ela começou a perceber que era fato.

Começamos a reunir todos os que haviam passado e a equipe da FOIRN começou a mobilização em busca de passagens, a procura de parceiros para comprar passagens. Logo a senhora Adelina, funcionária da Federação, convocou uma reunião e nos deu a notícia que havia conseguido dez

passagens, mas que a equipe também estava correndo atrás das outras, e finalmente ela conseguiu para todos.

No dia 13 de fevereiro saímos de São Gabriel da Cachoeira com destino a Manaus capital do Amazonas com a MAP linhas aéreas (Manaus Aerotáxi Participações). Em 14 de fevereiro pegamos o voo de Manaus para Campinas com duração de quase 7 horas de viagem. Chegamos ao aeroporto Internacional de Viracopos, fomos recepcionados pelos representantes da rede de apoio da Unicamp, eles foram muito gentis e muito importantes nesses primeiros dias. E a grande surpresa – tinha um pessoal da TV regional (EPTV). Fiquei bastante constrangido de ser entrevistado... Passou um dia e eu me vi na TV... Aí pensei: certamente minha pronúncia e linguagem mudarão depois que eu me formar.

Não foi fácil deixar minha mãe e minha esposa. Toda noite penso nelas e sei que a saudade vai apertar, mas tenho que focar nos meus estudos, porque sei que vim com um objetivo: terminar meu curso, conhecer novas culturas, aprender e também compartilhar saberes e conhecimentos de meu povo, e quem sabe eu possa fazer um Mestrado ou um Doutorado. Passados os dias, comecei a participar do projeto BAS (Bolsa Auxílio Social), onde conheci a professora Zilda, mais conhecida como "Dida". O projeto tem sido muito importante para mim. Falar um pouco da minha cultura, contar minhas histórias e praticar um pouco o que fazemos no nosso dia a dia na nossa aldeia, acredito eu, desta forma que as crianças possam entender ou pelo menos tenham uma consciência desde pequenos, que "o Índio" não é como muitos falam. Tem sido proveitoso. Através das histórias fazemos oficinas de panelas de barro, Cocar, Grafismo e temos ainda mais para pôr em prática. Se Deus quiser vamos sempre valorizar e compartilhar esses conhecimentos para mais pessoas de dentro e para fora da universidade que não conhecem nada da nossa cultura.

Neste momento sabemos que não será fácil, mas nós não estamos sozinhos, estamos num grupo de 64 acadêmicos indígenas onde podemos contar com ajuda de cada um, onde a união faz a força. Só temos que agradecer a todos que estiveram envolvidos em nos apoiar até aqui, a FOIRN, ISA de São Paulo (Instituto Socioambiental), o Projeto Mawako e a Rede de Apoio Ubuntu, que foi formada por acadêmicos da Unicamp

de diversos cursos e funcionários. Esperamos que todo o esforço destas pessoas não seja em vão. De alguma forma um dia iremos retribuir, seja direta ou indiretamente. Também agradeço a Deus por ter me oferecido esta oportunidade, e me proteger todos os dias. Agradeço também a todos os professores do meu curso por serem pessoas maravilhosas e também a todas as professoras da DEdIC. Que Deus abençoe todos eles e os guiem nas suas trajetórias de vida, mostrando o caminho de Paz e harmonia nos ambientes onde convivem. Obrigado!

Adela Parra Romero

Meu nome é Adela Parra. Sou estudante de doutorado no instituto de Geociências. Ingressei no doutorado em 2015 e, desde 2016, meus filhos frequentam o PRODECAD e a creche.

Ser mãe e estudante não é uma tarefa simples. Precisamos de instituições que ajudem com o cuidado e aprendizado dos filhos. A DEdIC tem sido um lugar importante para nossa família. Nossos dois filhos frequentam a Divisão, um no PRODECAD e outro na Pré-Escola. Para mim a DEdIC significa uma ajuda muito valiosa em nosso dia a dia. A gente consegue estudar e os filhos ficam felizes.

Eu venho da Colômbia. Nossos países são em muitos sentidos similares. Chegar com nossos dois filhos ainda bem menores não foi fácil não. Desde a primeira semana que chegamos fizemos a solicitação para as vagas na DEdIC. Era impossível para nós pagarmos uma escola particular e as creches públicas de Barão Geraldo estavam lotadas. Eu estava muito constrangida por ter que aguardar não uma, mas duas vagas. Por ser estudante as chances eram menores, posto que temos uma quota proporcional a cada segmento.

A Dulce e Margareth, do Serviço Socioeducativo da Divisão foram sempre muito atenciosas comigo e pacientes. Eu sempre ia preocupada perguntar sobre a possibilidade das vagas, como estava o processo e tudo mais. Não sei como elas conseguem lidar com a carga e o estresse de mães como eu. No fim, a vaga para meu filho de oito anos saiu em abril de 2016 e a outra vaga saiu em setembro do mesmo ano.

Só gostaria de apontar que no tempo que eu aguardei pelas vagas para meus filhos eu passava na frente da creche e sonhava com o dia que a gente poderia passar por essa porta para deixar nossos filhos no dia a dia.

Eu gosto muito do trabalho das professoras. E toda a equipe. Gosto muito também do trabalho da odontopediatria, da higiene bucal do próprio atendimento odontológico. Porém, o mais importante é que meus filhos gostam do que tem lá. Eles são os que mostram sua felicidade pelo espaço, os amigos, e tudo mais.

A DEdIC foi nossa aliada para fazermos nosso doutorado.

Adriana Oliveira dos Santos

26 anos de DEdIC...

Eu, Adriana Oliveira dos Santos, iniciei a minha trajetória em maio de 1995 como recreacionista no CeCI/Berçário II. Tive o privilégio de trabalhar na época com as funcionárias: Catarina, Vânia, Helena Dias, Rosana Antualpa, Beth Lopes, Jaqueline (recreacionistas); equipe da enfermagem: Vera Lúcia, Beth Poker, sob a supervisão das enfermeiras Roberta Melloni e Ana Silvia. Também nos auxiliaram a assistente social Regina Pacolla, as psicólogas Margareth Brigante e Ana Maria Neder, as pedagogas Marcília e Adélia. Contamos com as profissionais da cozinha Honorata (Nono), Estela Rocha e Estela Job; na equipe de limpeza tínhamos a Cida Biroli, D. Helena e Cida Pereira; na costura, Ermelinda e como motoristas tínhamos o Domingos e o Alcides Rosalem.

Não posso esquecer da diretora, Lucila Eliana Moreira Sandoval, que foi a pessoa que acreditou que eu poderia contribuir com o meu trabalho desenvolvido com as crianças e que muito influenciou para eu melhorar como pessoa, pois eu era muito introvertida, acanhada e sem muita perspectiva.

Trabalhava como funcionária da FUNCAMP e, em 1997, tive a oportunidade de prestar um concurso público, o qual me possibilitou ser contratada em fevereiro de 1998 como funcionária da UNICAMP.

No decorrer de 10 anos, me dediquei a tantas crianças de 03 a 09 meses e aprendi a lidar com suas famílias, conhecendo seus sentimentos, suas condições, seus hábitos. Cada recreacionista na época era responsável diretamente por 05 crianças, os quatro módulos do berçário sempre estavam com sua capacidade máxima de atendimento (30 crianças por módulos).

Sempre tive muitos feedbacks positivos e fui ganhando autoestima, porém, mais ou menos em 2004, fui remanejada para o CeCI/Maternal para trabalhar com crianças maiores (Maternal III) e, infelizmente não me adaptei, eu sabia que não tinha um perfil para lidar com crianças maiores, mesmo integrando um grupo que sempre procurava me ajudar.

Cheguei a pensar em pedir demissão, mas a diretora me entendeu e retornei ao CeCI/Berçário. Aos poucos as minhas atividades foram se destacando e, em um determinado momento acabei elaborando atividades com bebês, principalmente em datas comemorativas e criando um jornalzinho quinzenal/mensal sobre o dia a dia com as crianças, famílias e funcionários e a facilidade em trabalhar com computadores levou a diretora Lucila a me convidar para trabalhar na secretaria do CeCI.

Confesso que tive medo, pois não tinha conhecimento nenhum na área administrativa, mas me permiti conhecer e aprender o novo e a conviver com os novos profissionais do setor de RH (Recursos Humanos). Em 2005 comecei a trabalhar na Secretaria do CeCI.

Adriana Moreira e Maria das Graças Maia foram pessoas muito importantes para o meu aprendizado.

Em meados de 2010 assumi a Secretaria, pois a Graça se aposentou e a Adriana foi convidada a trabalhar como secretária da Euryanthe na DGRH (Diretoria Geral de Recursos Humanos da Unicamp) onde puderam criar a DEdIC (Divisão de Educação Infantil e Complementar) para unificar as unidades CeCI/Berçário, CeCI/Maternal, Creche Área da Saúde (CAS) e PRODECAD, passando os funcionários a trabalhar em uma única secretaria.

De 2010 ao início de 2011, pude trabalhar com os grandes profissionais: Cleide Caraca, Eliana Batata, Cida Birolli, Cida Pereira, Maria Helena Pereira, Carminha, Viviane Baltazar, Isabel Floriano, Silmara, Edgad Molin, entre outros.

A direção da DEdIC passou a ser conduzida pela Roberta Borges, houveram novas mudanças. Neste período as pessoas que trabalhavam na secretaria, passaram a ser responsáveis por atividades específicas, dividindo-se as responsabilidades. Na ocasião, fui convidada a assumir o setor de RH ou a manutenção. Escolhi prontamente a manutenção, pois me sentia bem em resolver alguns problemas e conseguia entender bem o processo. Desde então, estou como supervisora da seção desta área até a presente data.

O objetivo do setor de manutenção é receber as ordens de serviços das 04 unidades da DEdIc e encaminhá-las a cada setor responsável como DMAN (Divisão de Manutenção da Prefeitura da Unicamp que trabalha

com empresas terceirizadas), DMA (Divisão do Meio Ambiente), CEMA (Centro de Monitoramento Animal), CEMEQ (Centro de Manutenção de Equipamentos), Telefonia, Informática, Unitransp (Operação Transportes da Unicamp), Vigilância, Limpadora, entre outros para solucionar problemas de pequeno e médio porte e de urgência. Caso haja necessidade de outros serviços específicos, faz-se necessário enviar documentos para contratação de empresas especializadas que muitas vezes dependem de licitação e que requerem passar por processos burocráticos exigidos pela Universidade. Muitas vezes é possível uma solução imediata, porém nem todas as vezes é assim.

Ao longo dos anos, pude trabalhar com pessoas incríveis que aprendi e que sempre aprenderei com cada uma delas, o que é trabalho em equipe.

Na manutenção já trabalhei liderando os seguintes funcionários: Domingos (motorista); Alcides, Nelson e José Laércio (Manutenção predial); Cida Birolli, Sr. Pedro, Mário, Carminha, Elza, Lúcia Gallo e Walter (Apoio técnico de serviços); Helena Pereira, Luiza, Erotildes e Henrique (Técnicos Administrativos).

Sei que alguns nomes foram esquecidos, mas em respeito a todos os nomes citados e outros não lembrados, quero que fique registrado o meu respeito a todos e agradecer pelas aprendizagens e pelas lutas partilhadas, pois em 26 anos de carreira pude vivenciar muitas coisas boas, entrada e saída de pessoas que ajudaram a contribuir com a CRECHE que tem o objetivo de oferecer uma educação de qualidade e focar sempre no público alvo que são as CRIANÇAS.

Me sinto imensamente feliz em fazer parte dessa instituição que mesmo passando por mudanças de gestão, o objetivo é o mesmo, proporcionar o que há de melhor a todos, pois somos DEdIC, dedicação a longo prazo.

De 2012 até hoje tivemos outros Diretores da DEdIC: Cidinha Cunha, Simone Rodrigues e Adriana Momma, diretores e coordenadores das unidades: Dulce, Magali, Vanessa Fochi, Milena, Daniela Batista, Isabel Floriano, Edgard Molim, Carla Torete, Carla Oliveira, Rosana Nascimento, Adélia, Kátia Federico, Reinaldo, Marta Dellai, Vanilda, Lidia Gallo, Leandra Contin, Edméa, Beth Godoy, Fafá, Cláudio, Fátima Ferreira, Jô, Débora Evelin,

Ana Paula Barraca, Heloisa Lippaus, Laura Linares, Christiane Tourinho, Rinaldo entre outros.

Quero agradecer por ter tido a oportunidade de contar um pouco da minha trajetória, pois a cada passo dado é um objetivo alcançado. Agradeço a todos que me permitiram o conhecimento e continuarei me dedicando para que o meu trabalho possa ser cada dia melhorado.

Ahuaugu Kuikuro

Eu nasci dia 15 de dezembro de 1989, na aldeia Kuikuro de Mato Grosso na Reserva indígena Xingu, Município de Gaúcho Do Norte. Meu nome original é Ahuaugu Kuikuro e registrado na nossa própria língua, Karib. Meu apelido é Amaral porque foi um jogador de futebol muito bom.

Moramos em uma reserva com mais 16 etnias diferentes: Aweti, Ikpeng, Kaiabi, Kalapalo, Kamaiurá, Kĩsêdjê, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukuá, Naruvotu, Wauja, Tapayuna, Trumai, Yudja, Yawalapiti.

No alto Xingu onde eu moro, temos os povos Aweti, Kalapalo, Kamaiurá, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukuá, Naruvotu, Trumai, Wauja e Yawalapiti. O povo Kuikuro existe há muito tempo. Nosso povo é o que tem mais pessoas do Xingu. Nosso ritual principal é o Kuarup e no ano de 2020 foi realizado na minha aldeia Afukuri pelo motivo do falecimento recente do meu tio, cacique Arifutuã Tali. O Karup faz parte da homenagem quando morre alguma liderança.

Sou filho de Mayuri Kuikuro e Kahuga Kuikuro. Eu tenho dois irmãos e uma irmã, tenho cinco sobrinhos.

Quando eu era criança eu gostava muito de brincar com arco e flecha, esconde-esconde e juntar as terras no chão fazendo um montinho como se construísse as nossas casas tradicionais: oca grande. Eu também gostava de brincar nas águas rasas do rio Kuluene.

Cresci e na juventude gostava muito de pescar no rio Kuluene e na lagoa Tiguhi com meu irmão. Também gostava de jogar bola com meus amigos.

Quando eu tinha sete anos, eu e minha família mudamos para a aldeia Afukuri. Meu tio Mafuanã levou minha família lá porque o pai estava muito doente. Meu pai era um grande cacique da aldeia Ipatse kuikuro, meu avô também era um grande cacique e a mulher dele era cacica das mulheres.

Infelizmente meu pai faleceu em 2.000 quando eu tinha 10 anos de idade. Depois disso foi minha mãe quem assumiu e cuidou de mim. No entanto, as lembranças do meu pai são marcantes, pois ele era um grande cacique. Um ser humano muito bom, que respeitava todas as pessoas.

Ao lembrar dele sinto-me muito feliz e tenho um orgulho de ter sido o seu filho.

Tanto o meu avô, quanto o meu pai são referências importantíssimas para mim.

Quando eu tinha 14 anos, o cacique da aldeia Afukuri me chamou no centro da aldeia junto com a comunidade e eles coordenaram um cerimonial para eu substituir o meu pai, como cacique. Sou muito grato à comunidade que me escolheu e espero honrar esse reconhecimento.

Quando eu tinha 14 anos, comecei a estudar em minha aldeia. Foi o início da minha formação "escolar". A escola indígena é diferenciada da cidade. Sempre estudei na minha aldeia e, portanto, utilizávamos a língua materna.

Em uma ocasião eu me lembro que o professor deu para mim o caderno, lápis, estojo e borracha, depois escreveu para mim as sílabas em língua portuguesa. Não entendia nada: não sabia escrever e, tão pouco ler as sílabas. O professor também escreveu para mim, as vogais no meu caderno. Primeiro ele leu, e eu não entendia nada das vogais. Sempre achei muito difícil. A, E, I, O, U e eu não conseguia ler e escrever estas e as outras letras do alfabeto. Eu faltava muito. Queria brincar, pescar. Eu não achava importante aprender isso.

Aos 16 anos, procurando praticar a leitura em minha casa, aprendi um pouco. Quando chegou na reserva uma televisão, em 1999, eu não entendia nada do que se falava. Assistia futebol e meu pai colocou esse apelido Amaral por causa de um jogador. Mas meu pai me tratava de Ahuaugu seguindo o nome do nosso avô, mas minha mãe me chama de Walama que é o nome do pai dela. Seguimos nossa cultura para que ninguém esqueça os nomes dos antepassados.

Na escola um professor me pediu para escrever no meu caderno. Às vezes, ele ficava bravo comigo porque eu não conseguia escrever e ler as sílabas. Eu também não sabia contar os números naturais, nem 1 e 5, assim que comecei a estudar na aldeia. Depois de 4 meses eu compreendi um pouco a subtração, multiplicação, adição etc. Aprendi um pouco a leitura das palavras e frases.

Depois me matriculei no ensino fundamental com aproximadamente 17 anos. E a experiencia foi semelhante. Compreendia um pouco, conseguindo ler as palavras, o nome dos animais e objetos.

Nesse período aprendi a contar os números naturais de 1 até 200, depois estudei em casa, e consegui contar os números naturais até 2.000 (dois mil). Na ocasião, quando o professor escreveu exercícios de multiplicação na lousa para resolvermos eu consegui fazer todos os exercícios. Nessa época, acabei decorando a tabuada de multiplicação.

Em 2014 me matriculei no Ensino Médio. No entanto, embora tenha aprendido muitos conteúdos ainda sentia muita dificuldade com a língua portuguesa. Eu nunca estudei e nunca tinha morado na cidade, por esta razão acho que o desafio ainda está à minha frente.

Na minha aldeia a "escola é diferenciada" da cidade, com formas específicas de nosso grupo de indígenas. Dentro das casas, os pais e mães ensinam os seus filhos desde que nascem. Ensinam a fazer os artesanatos, as comidas, contam as histórias. Os velhos contam as histórias para os netos a partir das 19h, oralmente; as práticas de pescaria no rio; as regras e orientam para os rituais; ensinam os cantos, as danças e a pintura corporal.

Eu me lembro da história do surgimento do sapé e da origem da construção das ocas.

> "O pássaro Hitsagu foi visitar o tio dele na outra aldeia, primeiro ele falou com a mãe dele:
>
> – Mãe, vou visitar meu tio na aldeia dele.
>
> Mãe dele respondeu ele: – Tá bom filho, pode visitar seu tio.
>
> Aí o pássaro Hitsagu foi visitar o tio dele na aldeia dele. Ele chegou na aldeia, o tio dele falou com ele:
>
> – Sobrinho, você chegou?!
>
> – Sim tio, eu cheguei, disse o pássaro!
>
> O pássaro Hitsigu ficou lá na aldeia do tio dele, até que ele se casou com a filha do tio dele.

Depois o Hitsagu pensou em fazer a casa do sogro dele, ele falou com esposa: – Mulher, vou fazer a casa dos seus pais.

Ela prontamente respondeu: – Você que sabe, marido.

Em seguida o Hitsagu foi para o mato para cortar a madeira e outros materiais da casa como embiras e varas.

Em outro dia ele foi novamente à mata para buscar mais material para a casa. Depois de seis meses a casa estava pronta. Para dar o acabamento final ele tirou o sapé para colocar na parte superior da casa e ficou pronta.

A história da construção da casa para o povo Kuikuro é praticada pelos mais jovens, mantendo assim, essa cultura tão bela e valiosa história para a comunidade kuikuro.

E é verdade que na nossa aldeia, quando se casa um homem vai para casa da esposa para morar com a família dela, faz parte da nossa cultura. E depois de 3 meses muda para morar na casa da mãe do marido e assim vai seguindo."

Meu professor Douglas, não indígena, que dá aula para nosso povo, avisou e explicou como funcionava o vestibular indígena da Unicamp. Nesta hora eu estava jogando bola. Em 2018 eu quis me inscrever para o Vestibular Indígena da Unicamp e escolhi pedagogia. Porque estou vendo os professores dando aula para as crianças na minha aldeia. Gosto de acompanhar essa vivência por isso eu escolhi a pedagogia.

Na primeira vez que fui prestar o vestibular vim para Campinas para fazer a prova por aqui na Unicamp, em dezembro. Meu nome foi aprovado na quinta chamada no Vestibular Indígena Unicamp 2019, e cheguei aqui dia 15 de março.

Eu viajei dois dias de ônibus, cheguei em Campinas SP às 23h40min, muito cansado por causa da longa viagem.

Quando comecei a estudar na Unicamp, logo no primeiro semestre eu me deparei com desafios imensos, pois eu senti muita dificuldade de

entender a língua portuguesa, inclusive senti muita dificuldade para me comunicar. Por causa disso eu optei em trancar três disciplinas, considerando o desafio de ter que ler e compreender os textos.

Está sendo muito duro e sofrível a questão linguística, embora goste muito de estudar aqui na Faculdade de Educação, da Unicamp. Agora eu estou estudando uma disciplina, a Educação, Cultura e Linguagem, como funcionam as regras do não indígena nas cidades. Compreender os textos e escrever em língua portuguesa tem sido um desafio grande. Mesmo na disciplina de filosofia, embora goste muito, a compreensão compromete a minha aprendizagem.

Me lembro quando eu fiquei ajudando na escola durante 2 anos. Não precisei "brigar" com nenhuma criança – chamar atenção. Na minha cultura minha mãe sempre falou para nós, irmãos, não brigarmos com ninguém.

Tenho muita gana de prosseguir para me formar professor e contribuir com a aldeia, mas, às vezes, tenho vontade de desistir pela saudade de minha família e de minha aldeia e pela dificuldade linguística. Mas não desisto, pois quero aprofundar meu conhecimento, ampliá-los para ajudar o meu povo e ensinar as crianças na Escola Estadual Indígena Afukuri.

Alcides Rosalem

Entrou na UNICAMP há 35 anos, ficou 15 anos na Marcenaria (antiga DGA - Diretoria Geral da Administração da Unicamp) e está na DEdIC há 20 anos. Aposentou-se em 2017.

Queria agradecer aos meus amigos da DEdIC por todos esses anos que estive aqui, muitas lembranças boas. Todos me ajudaram muito, cooperaram comigo nas horas difíceis e agora saindo, levarei comigo muitas saudades. Vivi os melhores momentos da minha vida aqui, que jamais esquecerei.

Alex Calixto de Matos

Na minha visão, a DEdIC significa um local seguro, de vivência e aprendizado para meus dois filhos, eles puderam aprender e principalmente brincar, que é um dos direitos básicos e fundamentais das crianças, e sou grato pela oportunidade. Considero ser de suma importância para todos da comunidade universitária, a unidade possui profissionais capacitados e envolvidos com a educação infantil.

Meu primeiro filho, o Marco Antônio, entrou na DEdIC com 1 ano, no berçário. Lembro do primeiro dia de aula, minha esposa chorou, fiquei com o coração apertado, mas tudo passou, ele ficou bem. Pai de primeira viagem, meio sem jeito, me molhava junto quando ia dar banho nas cubas, fui na visita todos os dias até o limite da permissão.

Com meu segundo filho também, o Pedro, ele demorou um pouco para andar, estávamos aflitos, todas as professoras (elas sabem quem são) lutaram comigo para incentivá-lo, foi uma alegria enorme quando ele finalmente andou.

Fiz parte da primeira composição de conselheiros da DEdIC e do grupo de trabalho sobre as visitas, presenciei várias melhorias no período. É preciso manter diálogo constante e intenso entre diretores e pais, além de uma boa comunicação, poderia ter algum boletim no site sobre os acontecimentos educacionais e estruturais.

São várias as situações de carinho e saudade, um fato inusitado aconteceu no berçário, na primeira reunião de acolhimento.

Ana Paula Barraca Cruz

Memórias e vivências na coordenação do CeCI Parcial da DEdIC

É com sentimento de gratidão que inicio as memórias da minha trajetória como coordenadora do Centro de Convivência Infantil, período Parcial da Divisão de Educação Infantil e Complementar. Estar na coordenação sempre foi um desejo que "ardia no meu coração" desde o início do meu ingresso na DEdIC, sempre quis contribuir com a equipe e vivenciar as experiências da gestão. Tenho uma imensa gratidão pela DEdIC, foi uma instituição que me acolheu logo no início da minha trajetória profissional, como estagiária. Tenho orgulho de compartilhar as minhas experiências na DEdIC, nesta instituição cresci e aprendi muito profissionalmente. Ser professora na educação infantil sempre foi muito gratificante, a inocência e pureza das crianças e bebês, me faz acreditar na esperança de dias melhores.

Acredito que as promessas de Deus sempre vão se cumprir em nossas vidas, a coordenação foi uma das promessas que se cumpriu na minha. Fiz o processo seletivo interno em 2017 para concorrer ao cargo de coordenadora, no mês de julho do ano de 2018, chegou minha vez... Que felicidade!

Sempre atuei como professora na unidade do CeCI Integral, assumir a coordenação da unidade do CeCI Parcial foi um grande desafio, fui muito bem acolhida pelas professoras e toda a equipe. A unidade do CeCI Parcial é um espaço muito acolhedor, a equipe consegue fazer um trabalho integrado, gerando um ambiente harmonioso, saudável e positivo. Quando iniciei na unidade fiquei encantada com os funcionários da equipe de nutrição, que alegria vê-los desempenhando seu trabalho com tanto amor e dedicação. Sinto muito por não tê-los mais conosco, devido a Pandemia da COVID-19 a maioria dos funcionários da FUNCAMP foi demitida, tendo em vista o prazo máximo de 15 anos do contrato e necessidade de nova licitação ter sido formalizada.

Encontrei muitos desafios ao longo da minha trajetória de coordenadora de Unidade (Parcial), mas com paciência, sabedoria e comprometimento consegui superar e seguir em frente, tendo como foco oferecer um trabalho de qualidade, direcionado para o acolhimento de toda a equipe. Foram muitos

aprendizados, tenho certeza que além do meu crescimento profissional, me tornei um ser humano melhor.

O trabalho na coordenação foi construído com muito respeito, diálogo e parceria com toda equipe de professores e funcionários da unidade. As nossas reuniões pedagógicas sempre foram espaços para discussão da prática pedagógica, ambiente que foi propício para reflexão da equipe, tivemos como objetivo a criação de um espaço formativo, agregando conhecimentos e compartilhando experiências, sempre prezamos pela escuta. A equipe de professores sempre foi muito dedicada, empenhada em proporcionar uma educação de qualidade para as crianças e bebês, mesmo neste período difícil da pandemia da COVID-19, todas conseguiram se (re) inventar e superar os obstáculos que foram surgindo, tendo como foco o acolhimento das crianças e famílias.

Durante a minha trajetória, principalmente neste período de pandemia, percebi a importância do acolhimento e da parceria com os estagiários, bolsistas, famílias, professores, funcionários e toda a comunidade da DEdIC.

Em relação aos estagiários e bolsistas- SAE (Serviço de Apoio ao Estudante), senti uma imensa alegria em receber estes estudantes tão cheios de energia para iniciarem sua vida profissional. Como é importante o suporte deles na organização do trabalho pedagógico desenvolvido dentro do espaço da creche. Como já fui estagiária, sei da importância que é colocar em prática tudo aquilo que aprendemos na teoria, a experiência com as crianças e bebês é algo enriquecedor para formação profissional. Infelizmente, devido a pandemia, muitos não conseguiram ter contato presencial com as crianças, estão mantendo as atividades remotas com a equipe de professores. Acolhê-los neste período de pandemia foi um grande desafio para a equipe, muitos voltaram para sua cidade de origem, alguns tiveram dificuldades em manter as atividades remotas, devido ao acesso à internet e questões pessoais, foi um momento que tivemos que ter um "olhar sensível" para o acolhimento destes estudantes. Tivemos estagiários e bolsistas muito comprometidos, atenciosos e respeitosos com a equipe, e principalmente com as crianças e bebês, mesmo no período remoto realizaram um excelente trabalho. Sinto um carinho imenso por todos!

Sobre as famílias do CeCI Parcial, neste período de pandemia foi um desafio imenso manter o contato com os pais de forma remota, a maioria é constituída de trabalhadores da área da saúde, algumas famílias estão na linha de frente da pandemia da COVID-19 no Hospital de Clínicas da Unicamp. Sabendo das dificuldades destas famílias, os professores, coordenadores, enfermagem e toda a equipe acolheu da melhor maneira possível as crianças e famílias, sempre mantendo a relação de respeito, diálogo e companheirismo em prol da educação das crianças e bebês.

Foram muitos aprendizados e experiências vivenciadas na coordenação. Apesar de todos os obstáculos conseguimos vencer e realizar um trabalho de qualidade, mesmo com erros e acertos. Agradeço primeiramente a Deus e toda equipe pela parceria, carinho e comprometimento. Meus sinceros agradecimentos a toda equipe de Gestão da DEdIC (2017-2021), principalmente a professora Débora Evelin Ferreira, que foi minha grande parceira nesta caminhada.

Antônio Rogério Batista do Prado

Meu nome é Antônio Rogério Batista do Prado, sou funcionário da UNICAMP há 35 anos, sendo 21 deles na DEdIC dando aula no PRODECAD, no Ceci integral e parcial.

O PRODECAD é um espaço de educação não-formal que atende os filhos de funcionários e estudantes da Unicamp e Funcamp no contraturno da escola formal.

Iniciei minha trajetória na UNICAMP em 1986 na Biblioteca Central (BC) como mensageiro, que era como se fosse guardinha, patrulheiro, trabalhei lá cerca de 12 anos, depois fui para Marcenaria trabalhar como comprador. Saí da biblioteca onde eu comprava livros, assinatura de periódicos, etc. indo para a Marcenaria para comprar madeiras, acessórios, maquinários, parafusos, etc. Em meados de 2000 vim direto para o PRODECAD, e aqui estou até hoje, com apenas um intervalo de dois anos, onde desenvolvi um projeto no GGBS (Grupo Gestor de Benefícios Sociais da Unicamp) – vinculada à Diretoria Geral de Recursos Humanos.

Comecei como mensageiro, passando por comprador e hoje trabalho como Professor de Educação Física da DEdIC. Cursei Educação Física na PUC-Campinas no período de 1994 à 1997.

No início do meu trabalho no Prodecad tínhamos um grupo de adolescentes bastante difíceis em vários aspectos, desde o comportamento, do afloramento da sexualidade, da convivência entre eles, da convivência conosco, e neste período desenvolvemos o projeto "Escolhas que brilham" que foi muito importante para o desenvolvimento socioeducativo deste grupo, onde trabalhamos várias situações esportivas, culturais, musicais, teatrais, situações comportamentais, enfim, questões humanas onde tratamos de temas sensíveis como o desperdício de alimento que está totalmente atrelado a fome no mundo. Um dos principais pontos era conscientizá-los de que temos a prerrogativa de fazer nossas escolhas. Escolhas que brilham foi um projeto muito legal que mudou a vida de muitos adolescentes para melhor, com raríssimas exceções.

Tudo é muito importante aqui, trabalhamos com crianças, focando não só no desenvolvimento físico como também no cognitivo da criança, a sociabilização, a integração, a questão do respeito mútuo, o respeito à diversidade de cada um. A criança é muito pura nesse aspecto, e ela consegue respeitar bastante. E aqui, dou aula para criança desde a educação infantil de 3, 4 anos de idade, que ainda está em fase "inicial" do desenvolvimento motor e cognitivo.

O trabalho é desenvolvido na DEdIC através de atividades esportivas, culturais, trabalhos manuais, brincadeiras coletivas, dança, expressões corporais, musicais sendo que no final uma complementa a outra.

A DEdIC é um espaço dentro da Universidade onde posso atuar como professor de Educação Física, já na Faculdade de Educação Física antigamente tinha o cargo de Técnico Desportivo que atualmente não tem mais, sendo assim para fazer parte da Faculdade de Educação Física, eu teria que ser um docente da Universidade, com Mestrado, Doutorado, Pós-Doutorado e etc., o que não é meu caso, portanto a DEdIC representa muito para mim, onde posso desenvolver meu trabalho dentro da minha formação acadêmica.

O trabalho com crianças é muito gratificante e isso é uma riqueza, sempre digo que só temos uma oportunidade de dar o nosso melhor e é aqui e agora.

Cristiana Magno de Lima

Meu nome é Cristiana Magno de Lima, tenho 38 anos, eu entrei aqui em 2012. Vim pela outra empresa que tinha na UNICAMP e fiz um processo seletivo para FUNCAMP, entrei nessa data, já entrei direto aqui na creche.

Entrei como copeira e, para mim foi uma novidade, trabalhar na creche por ter esse vínculo com as crianças, porque aqui você aprende de tudo, você trabalha tanto o pessoal quanto o profissional. A Cristiana de 2012 para a Cristiana hoje, de 2018, eu posso dizer que eu cresci muito, em tudo, pessoalmente e profissionalmente.

Em outubro do ano retrasado eu fui promovida a cozinheira, então, além do financeiro, isso foi muito bacana porque você coloca as coisas com mais vontade no que você quer fazer. E entre os altos e baixos da vida, porque trabalhar em grupo, com pessoas não é fácil, a gente ganha muito com o olhar de uma criança, eu fixei sempre nisso, você vê a gratificação no elogio de uma criança – "Nossa, isso tá gostoso" ou "Isso tá ruim" -, aí você quer correr e tentar melhorar. Houve uma época, quando eu estava de copeira, que eu cuidava da parte da salada, e sempre queria fazer diferente, pensando nas crianças, fazia espetinho de fruta, espetinho de salada, e aquela criança que não comia a salada, a alface, no dia do espetinho comia, parecia churrasquinho, era muito engraçado. E hoje como cozinheira também, a responsabilidade aumenta, óbvio, mas é muito satisfatório.

Em relação à DEdIC, o que eu tenho para falar é que foi muito acolhedor. A gente vê, igual a gente comenta, que é uma mãezona, eu tive pessoas que me ajudaram muito, não só para me orientar ou dizer o que tinha que fazer, mas às vezes, pessoas que têm a sensibilidade de perceber que você não estava num dia legal e chamam você para conversar e te ajudam a crescer, te ajudam a olhar para o lado positivo. Eu tive experiência com a Moori, com a Adélia na época, com toda a direção, as professoras também e isso tudo foi me ajudando a crescer bastante, profissionalmente e pessoalmente, porque você vai levando e vai passando para outras pessoas, então para mim foi muito gratificante.

De um modo geral, quando a gente fala em crescimento, você fica pensando: "Mas o que é crescimento?" Afinando tudo, crescimento como pessoa, como profissional, foi uma oportunidade também, porque aqui a gente aprende a desenvolver aquilo que está guardado dentro da gente, e dependendo do setor que você está, você não pode expandir. E eu sou muito dinâmica, eu tenho uma ideia, eu falo que eu faço experiência, então eu pego uma bacia, coloco uma farinha, pego um negócio... E não é todo mundo que tem, e aí "Ah, saiu legal" e a gente vai, senão saiu a gente recolhe. Mas é esse crescimento mesmo, poder expressar mais o carinho, se dedicar, "DEdIC", dedicação, isso eu abracei mesmo, tanto que, às vezes, eu faço uma coisa simples, venho e falo para a Raquel, nutricionista: "Nossa, eu fiz isso e adorei". Esses dias uma criança me chamou e falou "Ai, a sua comida está igual a comida da minha vó", para mim foi um triunfo.

Quando entrei como copeira, tinha as ideias, mas era mais recolhida, mais fechada, tinha medo de me expressar, e isso eu aprendi com as crianças, porque a criança é espontânea, ela expressa, se está bem, está bem, se não está, não.

A minha história é essa, o crescimento. Onde, graças a Deus, consegui esse mérito de passar para cozinheira. Você vai crescendo aos poucos, igual a um bebê mesmo, vai engatinhando, aprende a andar.

Independente das questões administrativas, burocráticas; se o tipo de contrato é diferenciado. Se é concursado ou contratado. Se é professora, faxineiro, copeiro, mãe, do administrativo, da manutenção. Da Funcamp ou da Unicamp. Quando estamos na DEdIC ou em um outro serviço essas questões não devem ser empecilho. E para gente conseguir fazer UMA DEdIC, precisamos ter essa consciência. A partir do momento que você está na UNICAMP ou em outro local de trabalho, você é um ser humano e o mais importante é o comprometimento e o respeito; o aprendizado.

Eladio Tavares Hernandes[7]

Meu nome é Eladio Tavares Hernandes da etnia Baré, filho de Elza da Costa Tavares e Geraldo Dias Hernandes, nascido no município de São Gabriel da Cachoeira- AMAZONAS (AM) no dia 15 de agosto de 1996 às 7h30min. Na atualidade tenho 22 anos, solteiro, pai de uma filha chamada Lauren Mariela Lizardo Tavares que também é da etnia Baré.

Os costumes que eu tenho, levo até hoje do aprendizado com a minha avó de culinária, danças, costumes e artesanato. Atualmente não falo o dialeto nheengatu. Cresci na cidade, região urbana com pouca convivência junto às comunidades mais isoladas, mas tenho ciência da minha origem.

Antes de vir para a UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) minha profissão era como soldado do exército brasileiro, era de PF (Pelotão de Fronteira) fazendo a segurança nas fronteiras. Em São Gabriel da Cachoeira existem 7 PF e também trabalhava como motorista de caminhão no quartel. Nos intervalos auxiliava minha mãe em uma pequena padaria. Pois isso também ajudava nas despesas da casa. Desde os 12 anos de idade eu trabalhava e isso acabou me afastando dos estudos.

Não tive a oportunidade de conviver em uma comunidade indígena, mas, como militar, sempre estive presente nas áreas de território indígena ajudando em alimentos, saúde e medicamentos. Por isso pude ver de perto as dificuldades das comunidades indígenas: a distância dos locais com infraestrutura, serviços e produtos, ausência de saneamento básico. Sempre estive presente nessas áreas fazendo o trabalho que poucas ongs (organizações não governamentais) fazem às comunidades de alto e baixo Rio Negro.

Nos dias de hoje a língua original baré é extinta, o que se fala mais da etnia baré é o nheengatu ou língua geral que foi traduzido pelos missionários no século XVIII. Apesar de ter sido imposta, a língua geral foi incorporada pelos baré no ano de 1914, via sistema religioso-educacional. Em

7. Eládio é graduando do curso de História, na Unicamp e atua como bolsista, desde 2019, no projeto Contação de histórias, literatura, cantos e artes midiáticas indígenas e afro/africanas para o CeCI (Integral e Parcial), sob supervisão da professora Zilda.

síntese, atualmente, o pessoal da etnia baré tem como língua materna o nheengatu e português, o baré foi desaparecendo por volta de 1950.

Quanto à escrita, algo semelhante ocorreu. Da fala original do tupinambá usou-se a língua que favorecia a catequização das tribos indígenas.

A minha vida toda estudei em escola pública, tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio, as escolas onde estudei encontravam-se na região urbana de são Gabriel. No ensino fundamental tive aula de nheengatu nos primeiros anos de escolaridade, já, quando estava no oitavo ano tiraram o nheengatu como matéria obrigatória e substituíram-na pelo espanhol devido às áreas de fronteiras que são latino-americanas e os professores de português, a maioria era da cidade, efetuando o trabalho por intermédio de livros didáticos enviados pelo governo anualmente.

Eu cheguei a começar um curso de história tendo em vista a grande diversidade cultural; lendas e mitos que integram a região onde eu nasci. E a história, ela foca muito na prática da pesquisa e isso me instigou, pois seria uma forma de eu auxiliar a manter a cultura da minha região e como minha etnia de origem. Tive também a oportunidade de começar um curso de enfermagem em uma faculdade particular, mas, devido ao falecimento do meu pai, não pude continuar o curso. A insuficiência de recursos financeiros me forçou a parar e acabei retornando para São Gabriel para ajudar minha mãe, ocasião em que entrei no exército como soldado.

Eliane Mara de Carvalho Corsi

Meu nome é Eliane Mara de Carvalho Corssi, trabalho na Odontologia Infantil do CECOM, na UNICAMP desde 1981.

Formada pela Faculdade de Odontologia de Araraquara (UNESP) e pós-graduada em Odontopediatria pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), além de outros cursos de especialização em Saúde Pública, Ortopedia Funcional dos Maxilares e em Pacientes com Necessidades Especiais e diversos na área de Odontopediatria.

Iniciei minhas atividades na UNICAMP supervisionando estudantes da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP), através de convênio entre a Prefeitura Municipal de Paulínia e a UNICAMP, para prestar atendimento às crianças do município.

Foi um trabalho muito importante e gratificante para mim, em termos profissionais, de vida e como pessoa, para a sociedade e principalmente para as crianças.

Realmente é um crescimento, um aprendizado diário lidar com a criança dentro da visão de Saúde Coletiva.

Em 1984 fui contratada pela PM de Paulínia. A experiência foi excelente e trouxe conhecimentos importantes.

Retornei a UNICAMP em 1992, quando fui convidada para compor a equipe, pela responsável do Programa de Atendimento Odontológico nas creches da UNICAMP, recém-criado.

Foram 5 anos pela FUNCAMP, quando então prestei concurso em 1997.

Quando iniciei os atendimentos nas creches, era totalmente diferente, as crianças apresentavam muitas cáries, problemas de oclusão, não havia a relação hoje estabelecida.

O trabalho foi um crescente, implementou-se mudanças que hoje são notadamente percebidas, o nosso atendimento evoluiu, cresceu em termos de prevenção e também na relação com pais e professoras. Somos uma verdadeira equipe, do respeito criado, da participação do nosso trabalho

junto às professoras, não ficamos à parte, estamos inseridas dentro da DEdIC.

A DEdIC é muito importante para as crianças, para os pais e para as profissionais da odontologia infantil, disponibilizando estrutura, para que nosso trabalho possa alcançar os objetivos propostos.

Com a parceria com a DEdIC, iniciamos atendimento em promoção em saúde bucal, ensinando e orientando a higiene bucal, escovação individual e coletiva e também realizando o tratamento curativo.

O retorno começou a ser percebido, com as crianças e os pais buscando o atendimento odontológico, em razão da disponibilidade ofertada e em muitas situações por não terem condições de levar a um dentista particular ou nas unidades básicas de saúde (UBS).

O trabalho foi evoluindo, começamos a realizar tratamento de canal, em crianças com dentes totalmente destruídos pela cárie, que necessitavam de colocação de coroas de aço, que é um procedimento que atualmente nem se utiliza, mas que na época era realizado.

Conseguir reabilitar uma boca que chegava totalmente destruída por cárie é muito gratificante e ainda mais saber que essa criança continuou retornando às consultas, tornando-se um adolescente e adulto sem cárie.

Outro avanço, foi a implantação da Odontologia de Bebês, que passou a fazer parte do Programa de Saúde Bucal da Odontologia Infantil, dentro do contexto de educação e prevenção, com orientação desde a amamentação, introdução alimentar com consistência adequada para a idade, de hábitos como o uso de chupeta, sucção de dedos e uso de mamadeira, visando a prevenção de mal oclusão.

Outro grande desafio que se apresentou foi atender crianças com necessidades especiais no hospital das Clínicas.

Finalmente, o serviço prestado pelo CECOM através da Odontologia Infantil em parceria com a DEdIC, é um trabalho ímpar, de suma importância para a comunidade universitária, cumprindo com seu papel social e na promoção da saúde bucal.

Estelamares Silva dos Santos Moraes

Eu sou a Estelamares Silva dos Santos Moraes, enfermeira, graduada pela UNICAMP. No ano de ingresso na universidade, em 2000, tive meu primeiro contato com o CECI Berçário, como bolsista de trabalho. Quando cheguei ao CECI, fui acolhida por Lucila Sandoval, enfermeira e diretora da unidade. Lembro de questionar: "Qual o papel de uma enfermeira na creche?" Eu estava no primeiro ano da graduação e, durante o período que vivenciei neste espaço este questionamento foi sendo respondido.

As orientações em relação a saúde das crianças, esclarecimento de dúvidas, acompanhamento do peso e estatura. Um trabalho de educação, prevenção e promoção à saúde. Descobri outras possibilidades de atuação da minha profissão. Desde essa época sonhei "Um dia eu quero trabalhar nesse lugar" e "quando eu for mãe, quero deixar os meus filhos aqui".

Em 2010, fui contratada para trabalhar no Hospital das Clínicas, HC UNICAMP, eu estava grávida da minha primeira filha, Maíra, e ela foi matriculada na CAS (CECI Parcial). Anos depois, meu segundo filho, Sávio, também veio para DEdIC. Meu sonho se concretizou.

Iniciei meu trabalho como enfermeira na DEdIC em 2013 e as orientações em saúde, estratégias de prevenção, educação e promoção à saúde são, agora, minhas ferramentas de trabalho.

Trabalhar como enfermeira aqui e trazer meus filhos para esse espaço tem um significado muito importante para mim.

A DEdIC possibilita aos estudantes, funcionários, docentes, que têm vínculo com a Universidade, trabalhar e deixar o seu filho em um local seguro, tranquilo, em que a criança receberá o cuidado com respeito, valorizando a infância. Os cuidados são realizados sob um olhar multidisciplinar com profissionais da saúde, nutricionista, pedagogos, em constante processo de atualização.

Durante este tempo de DEdIC, tanto a convivência com as crianças, quanto com as famílias e equipe me marcaram de uma maneira singular, são muitas histórias e aprendizagens. Guardo boas lembranças.

Desejo que a DEdIC acolha muitas crianças e tenha muitos anos de história, fazendo a diferença nas infâncias que por ali passarem.

Eunice Conceição Ferreira da Rocha

in memorian (09/11//2020)

Eu me chamo Eunice, trabalho aqui na creche há 22 anos, gosto muito do que faço, me sinto muito bem aqui, gosto de todo mundo, não tenho inimizade, procuro conviver com todo mundo igual. Acho que é um ambiente muito bom, sempre tive umas chefes muito boas, bem compreensivas, o que eu posso ajudar eu ajudo, em todos os pontos, acho que aqui é um lugar ótimo para se trabalhar, não tem lugar melhor para se trabalhar.

No meu pensamento a gente tem que colaborar em todos os pontos. Trabalhei quase 14 anos no Instituto de Física, também não tenho o que falar da Física, não tenho o que falar da UNICAMP, não tenho mesmo que falar nada, tenho só coisa boa, o que eu consegui na minha vida foi através daqui, então eu agradeço muito o meu serviço, tenho aquele compromisso, procuro não faltar, não sou uma pessoa que falta, sou uma pessoa que, no que posso ajudar estou à disposição, sempre procurei conduzir assim minha vida aqui.

A DEdIC representa tudo. Tudo de bom, muito bom mesmo. Com a diretora, quem entra, eu procuro me enturmar, procuro ajudar, não tenho problema, se sai diretora, entra diretora, eu acho que é igual, a gente tem que viver bem aqui dentro. Porque se vive mais aqui do que na sua casa. É verdade, porque você sai cedo e volta à noite para sua casa, mal você chega, dorme e no outro dia você vem para cá. Se você não tem amizade, arruma encrenca e não sei o que, eu acho que você vai ficar num ambiente ruim. E eu nunca tive isso, nem aqui, trabalhei na Física, até hoje tenho amizade, ontem mesmo encontrei uma amiga, velha amiga de lá da Física, a gente conversou bastante, eu estava falando para ela "Eu gosto de lá", tem gente que fala "Ah, chora, chora" (por causa do trabalho). Não me estresso, eu falo para o meu marido, nunca cheguei em casa estressada por causa disso.

Eu sempre trabalhei em casa, eu trabalhava em casa, eu fazia bico, fazia bico para lá e para cá. Quando eu fiz o concurso aqui, passou quase dois anos, daí me chamaram para cá, e fui trabalhar na Física. Fiquei na Física

por quase 14 anos, aí vim para a CAS (CeCI Parcial), para creche e aqui estou até hoje. Agradeço muito de ter entrado nesta Universidade.

Todos os momentos para mim, quando sai alguém, se aposenta, fico meio chateada – "Nossa, não vou ver mais fulano" -, mas sempre a gente se cruza. Eu me apego muito às pessoas, eu gosto muito, mesmo as crianças, se eu estou de férias, eu lembro – "Ah, agora é hora de almoço, é hora disso" -, se faz muito tempo que eu não vejo a pessoa, eu gosto muito de rever as pessoas.

Agradeço todo mundo, agradeço mesmo de coração. Tudo, tudo o que eu consegui, o que eu tenho na minha vida, através daqui, e dou muito valor. Procuro retribuir com o maior carinho que eu possa dar, eu retribuo sem pensar. Gosto muito daqui, muito mesmo.

Francilaine Paz Sampaio

Meu nome é Francilaine Paz Sampaio com o nome indígena de "Yepário" da etnia Tukano que também possui a autodenominação de "Ye'pá mahsã" ou "Dahseá". Sou natural de São Gabriel da Cachoeira, município do interior do estado do Amazonas, região norte do país que está localizado na fronteira com a Colômbia e Venezuela no extremo noroeste do Brasil, que também é conhecido como "cabeça do cachorro" por seu território ter forma semelhante à desse animal.

Os Tukano formam o povo mais numeroso da família linguística Tukano Oriental, com população estimada em dez mil, habitando na região da fronteira entre Brasil e Colômbia, na bacia do Uaupés, hoje também morando no Rio Negro, em São Gabriel da Cachoeira e em outras cidades da região.

A etnia Tukano se subdivide em diferentes grupos de descendência, relacionados entre si de forma hierárquica e participam de uma ampla rede de trocas, que incluem casamentos, rituais e comércio, compondo um conjunto sociocultural definido.

Os Tukano compartilham uma área geográfica contínua e um mesmo modo de vida básico, que inclui a caça e a coleta, mas no qual predomina a pesca e a agricultura de coivara, sendo a "mandioca brava" o principal produto. Um componente crucial das ideias religiosas tukano são as relações entre os seres humanos, os animais e a floresta. Para nós indígenas, a floresta é um mundo, nosso habitat. Da floresta obtêm-se tudo o que precisamos para as nossas vidas, desde material para a construção de nossas casas, utensílios básicos, ferramentas, implementos de caça, até alimentos e remédios. Sabemos que compartilhamos esse habitat com outros seres, animais de muitas espécies diferentes, que, às vezes, podem ser caçados para nos alimentar. Desde pequenas, as crianças aprendem sobre a floresta. Jovens, adentram a mata com seus pais, tios e avôs para incursões de caça, ou coleta de frutos, sementes, mel e material para construção de moradia.

A floresta é como uma grande enciclopédia viva para o conhecimento indígena.

Nós os povos que habitam o Uaupés e seus afluentes temos costumes e línguas diferentes, mas temos uma base de sustentação em comum que é o cultivo da maniva. A nossa força está nesse conhecimento da qual nós tiramos a mandioca que vem a partir da construção de uma roça. Para nós a roça é o centro de tudo. O espaço como é utilizado é uma sabedoria tradicional muito importante, pois em uma roça é cultivada uma variedade de manivas e também uma variedade de plantas medicinais, além de frutas como banana, abacaxi, cana e outros. Quem cultiva jamais deixa de lado essa sabedoria imensa que existe há vários anos, conhecimentos que passam de geração em geração. A partir da mandioca é tirado vários produtos como beiju (tipo de alimento), a farinha, a manicuera (tipo de bebida que serve como alimento), a tapioca e outros. E da maniva obtêm-se a maniçoba que é um típico prato regional que pode ser servido misturado com peixe.

Foto de Francilaine Paz Sampaio 2020

Os povos Tukano são patrilineares e exogênicos, isto é, os indivíduos pertencem ao grupo de seu pai e falam a sua língua, mas devem se casar com membros de outros grupos, idealmente falantes de outras línguas.

Geralmente cada povo indígena tem seus mitos de origem, de como seu povo veio a ser. São os mitos cosmogônicos. Esses mitos, transmitidos oralmente, de geração a geração, são muito importantes na formação do

indivíduo social, pois fornecem coesão simbólica à percepção do indivíduo como parte de um corpo social, reforçando sua identidade étnica. Desde tempos imemoriais, os mitos descrevem eventos que se dão no mundo indígena, e a floresta é o elemento concreto, visível e tangível desse mundo.

Uma das histórias mais conhecidas dos povos indígenas, inclusive os Tukano, é a história contada segundo os antigos indígenas sobre a origem do universo que segundo eles foi criado pelo Avô do Universo que, "com a lança-chocalho de pedra ia formando o mundo em camadas". Na tentativa de criar os seres humanos ele gerou a Gente do Aparecimento, cinco irmãos e três irmãs que trabalharam e criaram condições para o surgimento da humanidade atual. Deixaram as plantas cultivadas, as armadilhas e venenos de pesca, os benzimentos e cerimônias. Da Maloca do Universo desceram em forma de aves, que mergulharam no Lago de Leite, aparecendo como peixes. Dali começaram a viagem subindo o Rio de Leite, onde encontraram seguidos obstáculos e pararam em muitos locais, as Malocas da Transformação, onde adquiriram novos conhecimentos, técnicas e instrumentos para sobreviverem nessa terra cheia de perigos e males. Assim seguiram até o Buraco da Transformação, em Ipanoré, onde emergiram na forma de seres humanos.

Os rituais envolvendo os instrumentos musicais sagrados de Yurupari são a expressão mais plena da vida religiosa dos indígenas, pois englobam e sintetizam vários temas-chave: ancestralidade, descendência e identidade, relações entre homens e mulheres, crescimento e amadurecimento, morte, regeneração e integração do ciclo de vida humano com o tempo cósmico. Em relação de complementaridade com os dabukuris, esses rituais são concernentes à identidade masculina e às relações intragrupais em oposição ao casamento e às relações intergrupais; do mesmo modo, dizem respeito à fertilidade das árvores e plantas em oposição aos ciclos de vida dos animais.

Nas festas e rituais intercomunitários, quando os mais velhos se sentam para conversar sobre as histórias dos antigos e sobre os benzimentos, ocorre um real intercâmbio de conhecimentos, trocas de informações sobre histórias de cada grupo de descendência.

Guilherme Scarpa Perli

Durante minha passagem pela DEdIC, posso dizer que houveram experiências únicas que marcaram minha vida. Foi meu primeiro emprego, então tudo era muito novo para mim. Lembro de estar tão nervoso no primeiro dia que me perdi no campus da universidade e demorei a conseguir retornar ao local. Logo me senti acolhido por todos que trabalhavam lá. Todos da parte administrativa, da qual eu fazia parte, sempre me ajudaram a me enturmar, a conhecer a instituição e sempre tive apoio da diretoria e afins para pegar o ritmo das atividades.

Trabalhar em uma instituição de educação infantil acabou trazendo uma nova visão para mim. Me rodear da energia das crianças, mesmo eu quase não tendo contato direto com elas, tornava tudo mais leve. E a oportunidade de compor uma equipe integrada com tantas unidades, com tantos profissionais de diversas áreas é algo de muito valor profissional. Eu conheci e tive contato com muitas pessoas diferentes. Educação, saúde, nutrição, assistência social, finanças, informática, tantas áreas unidas para dar estrutura para que as crianças possam ter uma educação básica, pública e de qualidade desde o primeiro ano de vida.

Entrei na DEdIC em agosto de 2017 e me lembro que em outubro, durante a Jornada dos Profissionais – que participei fotografando todo o evento – foi que entendi a magnitude e a importância dos projetos e de todos os envolvidos. Ao sair, em 2019, levei comigo tanto aprendizado, tantas lembranças boas e tanta admiração por pessoas que me acolheram e me fizeram sentir parte daquele todo.

Tive ainda a oportunidade de entrevistar alguns dos profissionais para a confecção desse e-book e conhecer a história por trás não só dos profissionais, mas das pessoas que integram a equipe DEdIC. Pude perceber o quanto essas pessoas amam o que fazem e o quanto trabalham para entregar o melhor de si mesmas naquilo.

Só tenho a agradecer à DEdIC-UNICAMP nesses dois anos que passei por lá, espero que eu tenha deixado um pouquinho da minha marca com cada um, assim como carrego essa marca comigo.

Helena Nunes Dibbern Quaglio

Entrou na UNICAMP em novembro de 1985, na DGRH – (Diretoria Geral de Recursos Humanos) Contratação. Passou pela Assessoria de Recursos Humanos e veio para o PRODECAD em abril de 1991. Aposentou-se em 2017.

Trabalhar no PRODECAD foi fantástico, aprendendo diariamente a trabalhar com adultos e crianças, todos os espaços eram lúdicos, proporcionando a interação com os alunos. Na DEdIC, todas as equipes em que trabalhei foram excelentes, conflitos existiram, mas foram superados. Sentirei muita falta de todos.

Ligiane Regina Coelho

Coordenação do PRODECAD, algumas reflexões

Ao lembrar sobre minha trajetória profissional, o período no qual atuei como Coordenadora do Programa de Desenvolvimento e Integração da Criança e do Adolescente – PRODECAD, junto à Equipe de Gestão da Divisão de Educação Infantil e Complementar - DEdIC, correspondeu ao surgimento de restrições sanitárias e adequações do trabalho, decorrentes da pandemia do coronavírus COVID-19.

O trabalho na Coordenação do PRODECAD no período da pandemia intensificou e ampliou as demandas de atuação na orientação pedagógica. Gerou a necessidade de oferecer suporte no uso de ferramentas tecnológicas para recuperar e ou manter o vínculo entre professoras(es), bolsistas, estagiária, crianças, adolescentes e famílias, por meio do trabalho remoto.

Nesta perspectiva de trabalho, era indispensável a parceria com as(os) colegas professoras(es), professoras(es) gestoras(es), bolsistas e estagiária; bem como com funcionárias(os) dos diversos setores da DEdIC: Manutenção, Nutrição, Enfermagem, Recursos Humanos, Compras e Almoxarifado, Secretaria Educacional, Limpeza, Segurança e Informática.

Ao mesmo tempo que se intensificou a necessidade do trabalho coletivo para um atendimento de qualidade às crianças e adolescentes do PRODECAD, naquele momento em que todos(as) se depararam com luto, medo, ansiedade e incerteza, tornou-se ainda mais desafiador e indispensável manter uma orientação pedagógica em que as diferentes formações, concepções, experiências e práticas pudessem ser ouvidas, respeitadas e aprimoradas em equipe.

Um trabalho pedagógico coletivo é um caminhar contínuo que se trilha em parceria... *visando à formação integral das crianças e adolescentes do PRODECAD, durante o primeiro ano da pandemia de COVID-19*.

Luciene Alves Peccin

Primeiras palavras e alguns passos para a construção do meu ser/sentir professora de crianças pequenas.

Um fotógrafo-artista me disse outra vez: veja que pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. Assim um passarinho nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que a Cordilheira dos Andes [...]. (Manoel de Barros[8])

Ao buscar compreender a profundidade e o sentimento despertado pelas palavras de Manoel de Barros, deixei-me tomar pelas inquietações que permeiam a grandeza e a simplicidade de gestos, corpos, movimentos, sentidos e sentimentos que são facilmente encontrados no cotidiano da educação infantil, mas que nem sempre são observados ou interpretados a partir da perspectiva das próprias crianças. A partir dessa busca por compreender os inúmeros significados que são apresentados pelas expressões corporais, encantei-me de modo mais específico com os olhos, com o ato de olhar das crianças que não se limita em ver só o que está aparente, mas que é capaz de olhar para riqueza de detalhes e para além do olhar limitado do adulto, que muitas vezes enxerga o todo como óbvio. Encantei-me pelo olhar ilimitado de possibilidades de cada criança.

Assim, iniciei minha busca por querer compreender mais, deste modo, caminho no sentido de re (significar) minha trajetória até aqui, de me permitir vivenciar novas experiências, de construir saberes e sentir que é possível tecer uma teia infinita de descobertas. E nesse processo de descobertas, ampliei o meu olhar para me encantar pelas minúcias que atravessam as relações entre crianças pequenas e seus professores.

O fazer pedagógico vivenciado na Divisão de Educação Infantil e Complementar (DEdIC), de modo mais específico na unidade do CeCI Parcial, me proporciona experiências repletas de memórias afetivas construídas ao

8. Barros, Manoel de, (1916-2014). Memórias inventadas. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018, p. 43.

longo dos anos em que sou professora, mas também aprendiz. Aprendo com cada nova parceria com outras professoras, com cada bebê ou crianças pequenas que a vida me permite o encontro. Dentre essas inúmeras aprendizagens descobri o essencial que move meu ser/sentir professora, que é compreender para além das palavras e dos saberes pedagógicos. É o processo de construir o novo em cada vez que sento no chão com as crianças, em cada vez que contemplo os olhares curiosos, em cada vez que conto infinitas vezes a história preferida da turma, em cada vez que me permito acolher o choro e dar o afeto que acalenta o coração.

Vivencio as incertezas e os desafios do ser professora, mas escolho transformá-los em gestos, movimentos, olhares, brincadeiras, histórias, músicas, emoções e palavras porque acredito que o melhor que posso oferecer para os "encontros da vida" são as memórias de uma infância construída de singularidades e múltiplas possibilidades.

Margareth Rovaris

Serviço social na DEdIC

Resgatando sobre a instauração da(s) creche(s) da Unicamp, podemos destacar que o Serviço Social esteve desde os primórdios, compondo ativamente à equipe profissional, e assim, contribuindo para a solidificação efetiva do que hoje denominamos: Programas Socioeducativos de Educação Infantil e Complementar desta Universidade.

Particularmente, sobre minha trajetória profissional, vale ressaltar que no ano 2001, ao me interessar pelo campo de estágio ofertado pela Creche Área de Saúde, fui acolhida por Cecília Pissolito, assistente social, e por dois semestres consecutivos acompanhei seu trabalho coordenando grupos de gestantes interessadas nas vagas, entre outras atuações sociais, agregando experiência prática na minha formação acadêmica.

Em 2014, ao ser noticiada de sua aposentadoria, recebi o convite para substituí-la, na função de Assistente Social. Porém, nessa ocasião, para atender toda a esfera da Divisão de Educação Infantil e Complementar – DEdIC e atuar principalmente no processo de seleção de vagas, desde o berçário até a educação complementar.

Nos primeiros meses de intervenção, em 2015, pude observar que imperava um certo "mecanicismo" na operacionalização da fórmula para conclusão da análise socioeconômica, dificultando a interpretação dos indicadores, bem como suprimindo às considerações que envolviam a dialética das relações humanas.

Entendendo o estudo socioeconômico como um instrumento estratégico de fundamental importância para aproximação da realidade social, buscamos ampliar os horizontes destacando mérito não só aos resultados numéricos, mas abrindo espaço para o campo da observação técnica, envolvendo todo contexto familiar, configurando-o assim, como ferramenta de trabalho de cunho quanti-qualitativo.

Neste contexto, podemos ressaltar que a intervenção do profissional de Serviço Social na DEdIC sempre contribuiu para caminharmos progressivamente no campo da efetivação dos direitos, frente à execução de

políticas públicas, merecendo destaque a construção coletiva da Deliberação CAD-A-004/2017 que ainda vigora e norteia nossos trabalhos, mas urge ser revisitada.

Dada a amplitude de olhar que envolve uma análise socioeconômica, clamamos apoio institucional contínuo para otimizar todo o processo, permitindo-nos gerenciar mais ordenadamente o cenário de vagas, demonstrando com transparência à comunidade universitária a disponibilidade de atendimento, nos diferentes espaços socioeducativos dos campi de Campinas e Piracicaba.

Maria Fátima da Silva

Meu nome é Maria Fátima da Silva, estou aqui no CECI Parcial (DEdIC) há 28 anos, e a minha vida é isso aqui, não tem outra explicação, é uma coisa maravilhosa, eu gosto muito do que faço, que hoje é cozinha, e a princípio quando comecei era na limpeza, mas estou na cozinha hoje, estou na copa.

A DEdIC para mim é uma mãe, eu gosto daqui. Acho que a minha raiz está fixada aqui, gosto da DEdIC, gosto do CeCI Parcial; gosto muito daqui.

No começo, quando entrei em 1990, eu era faxineira, hoje estou na copa porque foi terceirizado o serviço de limpeza. Na verdade, eu gostava muito do que fazia, que era a limpeza, e fiquei muito sentida ao saber que tinha que vir para a copa, que na verdade não era o meu forte cozinhar, mas já que não tinha outra alternativa, então eu tive que aceitar, e estou aí, estou vivendo, estou gostando.

No início, a gente fazia muitas festas, eu gostava muito, a gente vendia pastel para arrecadar dinheiro aqui para o CeCI Parcial, e hoje está totalmente diferente, não é a mesma coisa que foi no passado. Logicamente que muda, tudo muda, tudo passa e tudo muda, mas na verdade eu gostava muito dessas festas que a gente fazia para arrecadar dinheiro para trazer para creche, para comprar as coisas para nós mesmas, para o nosso trabalho, que era muito bom, muito bom mesmo.

Eu adoro isso aqui. Sinceramente, eu gosto muito do CeCI Parcial, estou há 28 anos aqui, não tenho nenhuma queixa em relação a ninguém, chefes maravilhosas, e eu gosto disso.

Maria Jacira Lopes Macedo

Caminhos e caminhadas...

Pensando na minha vida profissional na DEdIC, eu me imagino entrando em um túnel, numa linha do tempo de lembranças, sonhos, esperanças e dúvidas que provocaram e povoam meus pensamentos. São muitas as ações educativas, reflexões sobre a necessidade de se investir na qualidade de seus profissionais, nos espaços; as coordenações e gestores vindos da área da saúde. São muitas as indagações e reflexões para dialogarmos.

Quando a Creche da Área da Saúde (atual CeCI Parcial) iniciou suas atividades em 1990, os projetos eram escritos pelas pedagogas encarregadas dos setores e encaminhados às recreacionistas para serem executados, tudo vinha de cima. A creche era vista como uma extensão de casa para as mães trabalhadoras da Unicamp, na assistência aos seus filhos com dedicação e carinho, sem cunho educativo, por muitos anos perdurou essas práticas. A necessidade de melhorias e novas perspectivas socioeducacionais foram trazendo movimento na nossa educação: a busca por diferentes abordagens metodológicas, o aprimoramento e a valorização dos profissionais da instituição; promoveu-se as Jornadas de Educação, Seminários, Encontros etc. Todos esses movimentos trazem novas visões para nós professoras em relação à aprendizagem e coloca a creche como espaço de educação e de formação. Essas narrativas produzem efeitos nas práticas e reflexões sobre o nosso trabalho, nos registros saindo do padrão "cópia e cola", trazendo a formação continuada como aspecto central do trabalho.

Essas mudanças trouxeram à DEdIC novas visões quanto aos saberes e fazeres na educação infantil, aumentou-se o quadro de profissionais, melhorou-se os espaços e ambientes e a criança como foco desse processo nos desafiou tendo em vista o compromisso em respeitar suas especificidades.

Estamos em 2021 e continuo o meu trabalho na DEdIC há 31 anos. Nunca imaginei passar por uma pandemia. Estamos vivendo um "novo", no qual a educação passa por novos ordenamentos que nos desafia a pensar em novos conceitos e metodologias, com novas estruturas, novos materiais de

conhecimento, pensando e adaptando às novas realidades. Situações de aprendizagem nos espaços da casa (familiares) e nos diálogos online. Fortalecer o vínculo para além das cobranças mútuas é um aspecto central, de tal modo que valorizar o que eles trazem e fazem são pontos de entrelaçamento deste laço.

Hoje, estou com 70 anos de idade e, como professora de crianças na Unicamp há 31 anos, me coloco a pensar: nesse período de afastamento social, utilizamos os recursos de forma consciente, estudando e aprendendo sempre. E assim continuamos nosso caminho pensando no melhor para as nossas crianças, SEMPRE!

Maria José Camargo Silva

Meu nome é Maria José Camargo Silva, trabalho aqui no CeCI Parcial há seis anos, e o meu vínculo com a creche, até uma certa época era de trabalho só com pessoas adultas, e depois que eu passei a trabalhar com criança, mas para mim o tratamento é VIP (very important people), é 100. E também, a partir do momento que as pessoas falam da DEdIC, eu preciso saber o que que é DEdIC, que eu vi que tem várias divisões e que aqui é uma de Educação Infantil e Complementar. Gosto muito de trabalhar aqui, gostei desde o momento que entrei e sou muito feliz aqui. Gosto também da direção, da incorporação de um modo geral, de todas as direções que temos aqui na creche, para mim, foi muito importante, passo a passo, toda a nossa liberdade de trabalho que nós temos aqui. Às vezes, eu acho meio exagerado eu fazer alguma atividade com as professoras, mas acredito que faz parte da minha vida, e meu ponto de vista é ajudar e fazer com que o pessoal fique feliz e principalmente as crianças. Para mim é um prazer trabalhar aqui, muito bom mesmo.

Para mim, a educação aqui é excelente, as crianças são bem assistidas, o trabalho em si, de modo geral, na parte de crianças que têm, às vezes, alguma restrição, a cobertura é excelente, são bastante dedicadas, no caso da nutrição, e da nossa parte também, tudo que eu posso fazer em relação a isso. Para mim, é uma corporação que abraça, que faz. Está no nome "DEdIC", mas não do significado, no caso seria "DEdICação", mas acredito que quando é ensino Infantil e Complementar, completa tudo isso que a gente vem tendo, do tempo que a gente trabalha aqui. Para mim é uma divisão excelente, pessoal muito competente mesmo. E dá liberdade para trabalharmos; nós podemos falar se a gente tem um problema, é maravilhoso.

A primeira semana que eu trabalhei aqui (CeCI Parcial), eu já liguei para encarregada e falei assim: "Sé é o lugar que eu posso ficar, é aqui que eu quero ficar", como aqui tinha plantão[9], eu já cobri tudo isso. Porque eu

9. Até o ano de 2016, O Centro de Convivência Infantil - período parcial (das 7h-13h e das 13h às 19h), denominado como "Creche Área da Saúde" atendia as crianças durante o período de trabalho das mães profissionais da área da saúde, inclusive aos sábados, domingos e feriados

sou Adventista de sétimo dia, eu não trabalho aos sábados, mas me coloquei à disposição. Eu trabalhei e fiquei uma semana no CeCI (Integral), mas a encarregada precisou mudar e eu mudei. Mudei, e voltei a trabalhar no CeCI parcial.

A minha vida pessoal, eu sou casada, tenho três filhos, vivo muito bem, graças a Deus, e acredito que, o que eu tenho de felicidade na minha casa eu trago para cá. O meu dia-a-dia é normal, mas o meu trabalho, a minha dedicação, tudo o que eu faço é de coração mesmo. Tudo realmente que eu posso fazer, que as meninas pedem para eu ajudar, é tudo feito realmente de coração. Fui bem recebida pela direção desde o início, elas são excelentes. O que eu vejo que marca muito é a minha participação nas festas das crianças. Gosto de toda última quarta do mês, as pessoas já passam o tema, e às vezes eu fico procurando mais ou menos saber, porque eu não fico perguntando, porque é uma atividade da professora, não é uma atividade minha, mas, agora eu vejo que elas já me passam - "Olha Zezé, vai ser tal tema" -, e aí eu já começo a procurar alguma coisa aqui dentro mesmo, alguma coisa na minha casa que eu acho que vai dar certo nas festinhas, mas, marcar, eu acho que todos os momentos aqui são marcantes para mim. Porque criança é um processo que você vê bebezinho e depois você vai vendo passo a passo até chegar no Sérgio Porto, e acho maravilhoso esse processo de você acompanhar e ver o crescimento, o andamento.

Uma coisa que também acho interessante, se tem uma criança com problema, a gente procura sempre atender da melhor forma, e ver o que pode se fazer, se não está bem, o que a gente pode fazer. A partir do momento que eu venho trabalhar, todos os dias são especiais. É ruim quando as pessoas fazem por obrigação, trabalho é trabalho, é responsabilidade, para mim todos os dias são especiais. Esses dias mesmo, que a gente fez festa, que a gente fica meio cansada, mas passa tudo. O outro dia é outro dia, e pode marcar de novo, outra festa que eu estou presente, para ajudar no que é necessário, no que as pessoas precisam, eu estou sempre à disposição. Eu trabalho feliz, vou falar que realmente trabalho feliz. Às vezes até tem alguma coisa que uma pessoa fale, mas eu só conto com a parte boa da história, então, é sempre muito importante e é só alegria mesmo.

Eu acredito que tudo que nós temos que fazer é por amor. Se você trabalhar com amor, vai dar tudo certo. Tudo o que você fizer com amor dá certo. Às vezes as pessoas ficam preocupadas, mas a mensagem é: - "Faça, mas faça com amor" -. É o que eu penso e é o que eu faço, na minha casa, e em qualquer lugar que eu vá.

Marta Regina Perissotto Dellai

Coordenação de um centro de convivência infantil em tempos de pandemia

Meu nome é Marta, graduada em Pedagogia (Centro Universitário da Fundação de Ensino Octávio Bastos - UNIFEOB, em 1992), especialista em educação de crianças e pedagogia da infância pela Faculdade de Educação da UNICAMP (2017). Trabalho como professora de educação infantil desde 1989. Atuei junto à rede pública de ensino municipal de Santa Cruz da Conceição (de 1989 a 2003) e Vinhedo (de 2004 a 2006), na estadual de Santa Cruz da Conceição (de 1989 a 1991) e, desde o ano 2006, na Unicamp. Neste percurso tive algumas experiências com ensino fundamental I e II, ensino médio e alfabetização de adultos, mas o que me encanta e motiva é a educação das crianças pequenas.

As crianças pequeninas são espontâneas, manifestam alegria imensa a cada novo aprendizado, estão sempre em busca do novo, do diferente, curiosa, elas não cessam de perguntar, questionam tudo, por isso, me dedico a ensinar e aprender com elas diariamente.

Durante 31 anos de trabalho, há muito a relatar das diversas e diferentes parcerias e proposições que vimos procurando efetivar com os colegas e as crianças. Todavia, para fins deste documento, opto em explicitar o tempo que trabalhei como coordenadora de um Centro de Educação Infantil, em contexto universitário e, em tempos de pandemia. Isso não se encontra planejado, previsto ou escrito nos planos nacionais de educação, no projeto político pedagógico da DEdIC. Juntam-se nesse relato duas experiências novas: o trabalho de coordenação e a pandemia, ou seja, trabalhar como gestora em tempo inimaginado.

No início de 2020, fui convidada pela Profa. Adriana Momma, para assumir a coordenação do CeCI Integral Maternal e Pré-escola junto com a Profa. Vanilda Pena, que já atuava nesta designação desde meados de 2017. Iniciei as atividades presenciais acolhendo as professoras, as crianças e as famílias, procurando escutá-los, sempre com o olhar sensível, buscando respostas e soluções para alguns problemas que se evidenciaram, dentro

do propósito e projeto que tinha para a coordenação do CECI Integral com muita ética e respeito mútuos. De acordo com o que fui vivenciando na coordenação, a questão da segurança no prédio era uma das mais preocupantes no momento. Em conversa com a Vanilda tivemos um desafio de delinear, com a comunidade, como organizar a entrada das crianças e suas respectivas famílias, pois a circulação de pessoas pelo prédio é intensa, é um dos aspectos que precisam de extrema atenção, para maior segurança de nossas crianças e funcionários. Após diálogos organizamos a entrada das crianças do maternal pelo portão principal e da pré-escola pelo portão do estacionamento. As professoras e a coordenação acolhiam as crianças nos parques próximos às entradas. O desafio foi grande, várias reuniões... embates... ouvidorias, enfim estava tudo caminhando até que precisamos parar devido à pandemia. Foi um novo aprendizado, muitos desafios...e aqui começa o relato de como organizar e sistematizar as atividades remotas para as crianças, pois sabemos que a educação infantil é o toque, o olhar, o abraço, o cuidado e o educar tudo entrelaçado. Neste momento precisamos nos reinventar como professoras de crianças pequenas para manter o vínculo com elas e com suas famílias mesmo a distância, esse foi nosso principal objetivo. E assim iniciamos...

Devido às mudanças no cenário mundial causadas pela COVID 19, a DEdIC deparou-se com a necessidade de reorganizar o atendimento em suas unidades, conforme Resolução GR-024/2020 de 16/03/2020. Essa decisão de reorganização ocorreu de acordo com as orientações manifestadas em reunião na Reitoria com a Diretora da DEEPU Teresa Celina Meloni Rosa; Diretora da DEdIC Adriana Momma e coordenação das unidades no dia 12 de março de 2020, portanto, fizeram-se necessárias mudanças na conduta de atendimento.

Frente ao cenário de evolução do Coronavírus, a nossa responsabilidade como profissionais da educação se manifesta – especialmente no exercício de coordenação e diálogo contínuo- no propósito de esclarecer dúvidas, dirimir ou minimizar ansiedades e preocupações, gerenciando a situação, evidenciando a importância de cuidados básicos e preventivos e tomando medidas protetivas, tanto aos profissionais quanto às crianças do CeCI e suas respectivas famílias.

Num primeiro momento, as coordenadoras fizeram levantamento, de acordo com a respectiva Resolução, dos setores que estariam desempenhando suas funções seja em áreas administrativas essenciais ou na área da saúde da Unicamp, desta forma, dando prioridade ao atendimento às crianças filhas ou filhos dos respectivos profissionais atuantes nos devidos setores. Foi priorizado o atendimento às crianças de acordo com a necessidade das famílias que não foram dispensadas do trabalho presencial (constantes na GR 24/2020), por estarem na linha de frente do combate ao Coronavírus e não conseguirem se organizar com redes de apoio à criança diante da atual circunstância.

De acordo com a GR 29/2020 de 18/03/2020 que dispôs sobre a interrupção gradativa das atividades na DEdIC e a concessão do auxílio criança para profissionais da área de saúde em virtude da pandemia do Coronavírus (Covid-19), ponderou-se que as atividades ocorreriam exclusivamente por meios digitais e virtuais para todos os setores. A partir do dia 23 de março, portanto, as atividades presenciais da DEdIC foram suspensas e iniciado o Teletrabalho, estando presente nas unidades da DEdIC apenas limpadora e portaria (empresas terceirizadas), bem como os serviços urgentes de manutenção. O administrativo e a coordenação efetuavam o rodízio ou vinham para atendimento agendado previamente.

Educação à Distância – EaD - na educação infantil é algo muito complexo e, atualmente, ainda é debatido por pesquisadores especialistas em crianças. Embora nossa posição fosse totalmente contrária à respectiva modalidade, ficávamos nos indagando, como prosseguir, quanto tempo o distanciamento duraria? Como trabalhar na modalidade EaD com crianças pequenas, se os eixos norteadores para a faixa etária de 0 a 5 anos são as interações e brincadeiras? Como realizar atividades online com as crianças, se o que estrutura o trabalho pedagógico são as interações que acontecem ao longo dos encontros presenciais e nas relações sociais?

Em diálogo com as professoras, as coordenadoras das unidades sentiram a insegurança e ansiedade que o afastamento da creche causava; o que fazer? Enviar atividades para as crianças? Compartilhar vídeos? Fazer lives? Deixar as crianças à vontade para curtir a família (vice-versa)? Esse novo processo de adaptação e essas angústias e incertezas, dominavam nossos

diálogos e contribuíram para que tomássemos decisões posteriores.

Depois de muitos diálogos entre professores, coordenadores e famílias foi escrita a primeira orientação, pela equipe de gestão da Divisão, para o teletrabalho, com caráter de manter o vínculo com as crianças e procurou-se acolher da melhor maneira possível crianças e professoras, bem como às famílias e dar amparo a uma comunicação que foi se estendendo, dando maior consistência e segurança quanto às propostas.

As professoras foram se apropriando dos meios digitais para realizar as atividades remotas com as crianças. As ferramentas utilizadas foram: google drive, classroom, blog, WhatsApp, google meet entre outros. Cantaram, contaram histórias, realizaram vídeos com as mais diversas atividades, promoveram encontros virtuais com propostas de atividades para, de alguma maneira, acolher às crianças e famílias neste momento tão incerto.

Neste período em que a "creche" ficou sem atendimento às crianças, nós da coordenação aproveitamos para organizar os espaços da creche e solicitar algumas "ordens de serviço" para manutenção do prédio: pinturas de algumas paredes, troca de pisos quebrados. Mas essas demandas demoram tempo, pois a universidade tem poucos funcionários para a execução, alguns serviços não disponibilizam de pessoas para realizar, outros precisam de encaminhamentos e licitações para serem aprovados; licitações frustradas, etc. Nem tudo acontece no tempo em que gostaríamos e precisamos para uma boa organização dos espaços.

No mês de outubro, a coordenação e a enfermagem receberam as duplas de professoras e estagiárias, seguindo as orientações e os protocolos de saúde, para organizarem as salas, armários e higienização de brinquedos, deixando o espaço adequado para o retorno gradual presencial. Chegou-se a requerer o retorno para outubro de 2020. E, diante dos impasses a posição do Prof. Dr. Marcelo Knobel foi a de manter o distanciamento, até pelo fato de, no contexto do Estado de São Paulo, a Unicamp ter protagonizado essa ação preventiva.

Após tratativas, foi indicado como previsão que o retorno ocorreria em 04/02/2021, caso houvesse diminuição na incidência de internações e óbitos causados pela covid-19.

O ano de 2020 foi um ano de excepcionalidade, em que precisamos nos reinventar como pessoas, como profissionais; um ano de muitas perdas, principalmente de colegas de trabalho e de seus familiares. Mas, sempre com a esperança de que dias melhores virão…

Como encerramento do ano letivo, as professoras organizaram juntos às famílias um encontro pelo meet, onde houve contação de histórias, músicas, brincadeiras e jogos. Foi um momento de despedida muito prazeroso para as crianças, famílias e professores.

Iniciamos o ano de 2021, sem previsão de retorno gradual presencial, mas organizamos o trabalho remoto com novas orientações às turmas de pré-escola: atendimento online diário com as crianças. Devido à escuta das famílias, não foi possível o atendimento diário, mas sim, uma, duas ou três vezes na semana. Cada turma organizou dias e horários fixos para esses encontros. As turmas do maternal, promovem, desde então, um encontro semanal ou quinzenal, este também decidido com as famílias. Os meios utilizados permaneceram os mesmos do ano de 2020, citados anteriormente.

Concluindo, o trabalho na gestão requer muito empenho, dedicação, escuta, argumentação, coesão do coletivo, consistência técnica e acadêmica, clareza nas informações para responder a possíveis embates, desafios de inúmeras ordens.

Toda gestão tem pontos positivos e negativos, mas depende muito do ponto de vista de quem avalia. Acredito que no CeCI conseguimos estabelecer um diálogo com muito respeito com todos os profissionais, e a realização das atividades remotas com as crianças e famílias dentro das possibilidades que o momento nos permitiu.

Quero agradecer a DEdIC e toda a sua comunidade pela confiança e oportunidade de trabalhar como coordenadora em tempos de pandemia. Momento de muito aprendizado, experiência e desafios...nos faz crescer, nos permite criar novas possibilidades, nos faz ver o mundo de uma outra maneira ou ângulo diferente, e assim, nos reinventamos...reinventando vamos prosseguindo sempre com o olhar voltado para nossas crianças.

Deixo aqui uma frase de Paulo Freire[10] que me encanta: "A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria".

10. Freire, Paulo (1921-1997) Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa- 25ª edição - Editora Paz e Terra, 2002, p. 53

Michelle Cezarini Santos Momente

Sou professora de educação infantil na DEdIC há 17 anos e são muitas as memórias que tenho guardado durante este tempo. Memórias que quando olho para o passado, sinto saudades, mas também, com um olhar no presente de satisfação de missão cumprida na vida de tantos pequeninos que passaram por minhas mãos.

Uma das memórias marcantes refere-se ao projeto "No tempo dos dinossauros" (2014) desenvolvido com as crianças em parceria com a professora Marcia Rocha. Nele conhecemos o modo de vida, características, semelhanças, diferenças e as várias teorias científicas que explicam sua extinção. Uma das atividades desenvolvidas em sala foi a construção de uma maquete, onde as crianças e famílias se empenharam nos diversos elementos que representam aquela era histórica dos dinossauros. Também fizemos uma mini exposição na sala de tudo que as crianças traziam de colaboração relacionado ao tema.

Fonte: fotos de Michelle Cezarini, registro pessoal (2014)

Fonte: fotos de Michelle Cezarini, registro pessoal (2014)

Outro projeto foi o "Rumo ao Infinito" (2018), desenvolvido com as crianças em parceria com a professora Carmen Luna, que através da curiosidade pelos mistérios da natureza e do universo pudemos conhecer e identificar os planetas, as constelações e a importância do Sol e da Lua e tudo que envolve o tema sistema solar. Muitas atividades foram desenvolvidas, mas a atividade que ficará na minha memória e de nossas crianças é um painel que confeccionamos, que até hoje se encontra instalado nas paredes de nossa escola. Outro momento marcante do projeto foi o encerramento com uma exposição de tudo que confeccionamos aberto à comunidade e a visita ao observatório.

Fonte: Fotos de Michelle Cezarine S. Momente e Carmen Luna (2018)

Enfim, optei em trazer para esse relato esses dois registros que de maneira especial trago em minha memória.

Nelson Francisco

Aposentado em 2017 • In memorian set. 2020

Fez parte da equipe da DEdIC desde maio de 1986 a 2017

Agradeço a todos pelo tempo de UNICAMP, em especial à Adriana Oliveira dos Santos pelo apoio e amizade no trabalho e na vida de minha família: eu, Nadir e enteado. Muito obrigado, UNICAMP.

Osvaldo Loverci Gomes

Meu nome é Osvaldo Loverci Gomes, sou cozinheiro do CECI Parcial, e já estou aqui há nove anos.

Como eu já passei pela cozinha do Hospital de Clínicas (HC), sou cozinheiro antigo, a DEdIC para mim é minha vida hoje, é de onde eu tiro meu sustento e da minha família, e graças a Deus, gosto de todo mundo aqui, me dou bem no relacionamento com as pessoas, é muito bom, muito importante, me dedico o máximo possível no meu trabalho, me esforço, e gosto de onde eu estou, gosto bastante.

Eu sou um dos funcionários que já está aqui na UNICAMP há quase 25 anos. Sou um dos funcionários que tiveram o contrato anulado do HC. Depois prestei novo processo seletivo, achando que ia voltar para o HC, mas Deus quis que eu viesse para a creche. Aqui é um local totalmente diferente. No HC a gente tinha o costume de cozinhar para uma grande quantidade de pessoas, em caldeiras, era bastante coisa. E hoje não, aqui reduziu bastante, é só comida para criança, mas, de fato, é um lugar muito agradável de se trabalhar. A criança chora, mas faz parte da vida da gente também, quem é que não foi criança um dia... Graças a Deus eu estou contente, trabalhei bem, todo dia que venho eu agradeço a Deus por ter esse trabalho, sou muito feliz aqui, graças a Deus.

Eu tenho a dizer que as pessoas aqui são bem marcantes, porque todas as diretorias que passaram por aqui, graças a Deus meu relacionamento sempre foi bom com todos, é um lugar especial, porque eu penso, um exemplo, eles não deixam a data da gente passar em branco, aniversário, a gente sempre tem uma confraternização, é um lugar bem gostoso de se trabalhar. Eu sempre falo com as pessoas que trabalham comigo, como eu já estive do outro lado, trabalhei com as pessoas da cozinha que sabem o que é correria, não é que nem o que é aqui, e eu só tenho que agradecer, aqui é um lugar muito agradável mesmo.

O trabalho aqui tem um valor muito grande, como já trabalhei no HC e lembro que tinha meus filhos também, e ele já passou, não por aqui pelo CeCI Parcial, mas naquela época não tinha isso, o pai não podia trazer os filhos.

Mas já conversei com muitos pais e eu via a importância de ter a creche. Ao mesmo tempo que você precisa do seu trabalho, você tem um lugar seguro para deixar o seu filho, local onde ele toma café e almoça, de tarde tem o lanche e depois o jantar. Um lugar assim é incrível, um lugar para você deixar o seu filho totalmente de confiança, pode ter certeza disso.

Gosto do que faço, gosto das pessoas que me relaciono aqui, graças a Deus gosto de todas as pessoas que passam por aqui. É certo que a gente não consegue agradar todo mundo, mas as pessoas que a gente consegue se relacionar, eu me dedico bem, tento me esforçar o máximo possível e é um lugar muito gostoso. Pode vir que a gente está esperando, que aqui é um lugar gostoso de se ficar, pode vir que aqui é dez.

Rafael Martins

Meu nome é Rafael Martins.

A DEdIC foi meu primeiro contato com a UNICAMP. Sou filho de servidores: meu pai é motorista no Gastrocentro e minha mãe técnica administrativa no HC. Por isso minha passagem pela DEdIC. Frequentei o CeCI Integral e, depois, o PRODECAD e Sérgio Porto concomitantemente. Posso afirmar que a UNICAMP fez muita diferença na minha vida, principalmente por me proporcionar uma educação em tempo integral. Foi praticamente uma segunda casa, pois vinha com minha mãe no fretado e passava o dia todo por aqui. Lembro com muito carinho das brincadeiras no parquinho e na Praça da Paz; dos amigos vindos de diversos lugares; das Olímpiadas do PRODECAD, em que cada equipe representava um país e toda criança ganhava uma medalha, ainda que a título de "prêmio de consolação"; das disputas de "rodar pneu"; dos "jogos proibidos" de "passou-levou"; dos bochechos com flúor, fornecido em copinhos descartáveis de café; das festas juninas com barracas típicas; da bagunça que fazíamos no ônibus circular, com batucadas e cantorias; das apresentações de teatro, que morria de vergonha; das atividades desportivas realizadas na FEF; das visitas à Biblioteca Central. Certa vez, a professora do Sérgio Porto propôs uma atividade em grupo: tínhamos que explicar por que a girafa tinha o pescoço comprido. Na época, não havia acesso à Internet e, então, saímos em busca da resposta. Fomos à Biblioteca Central e explicamos para a atendente o que precisávamos. A explicação não foi das melhores, pois éramos muito jovens (10 ou 11 anos) e com repertório escasso. Um rapaz, que depois se apresentou como aluno da Biologia, ouviu nossa conversa e interveio: disse que poderíamos buscar na "Barsa" em "Teoria da Evolução". Após ler o conteúdo do verbete e pouco entender, fomos à mesa do estudante e dissemos que aquele livro enorme não falava nada de girafas. Ele riu e nos explicou. A resposta da nossa atividade escolar foi exatamente a explicação dele. Talvez fosse muito cedo para entender a teoria de Darwin, mas foi um episódio bem interessante e divertido que vivenciamos no campus da UNICAMP.

Quando avancei para as séries não atendidas pelo PRODECAD e Sergio Porto, fui estudar em uma escola estadual no bairro que morava.

No Ensino Médio ingressei na Fundação D'Paschoal e, novamente, fui exposto à educação em período integral: fazia o ensino regular pela manhã e Fundação à tarde, que proporcionava aos adolescentes de escolas públicas atividades das mais variadas como matemática, filosofia, comunicação e expressão, educação para o trabalho, educação sexual, informática, teatro, música, dentre outras. O programa durou dois anos e também foi muito importante para minha formação.

Depois disso, quando já estava no 3ª ano do ensino médio, comecei a trabalhar e, a partir daí, sempre compatibilizei trabalho e estudo.

Cursei Direito na PUC – Pontifícia Universidade Católica de Campinas e durante toda a faculdade trabalhei e estagiei.

Formei-me no final de 2007 e comecei a exercer a advocacia privada em 2008. Fiz pós-graduação em Direito Empresarial e Processual Civil e, por um tempo, dei aulas de Direito Empresarial em curso preparatório para o exame da OAB.

Em 2016, em razão de aprovação em concurso público, retornei para a UNICAMP como Procurador e, desde então, exerço minhas atividades na Procuradoria Geral, defendendo os interesses da Universidade com muito orgulho e comprometimento.

Meus pais trabalham aqui até hoje e, às vezes, almoçamos juntos no campus.

Minha infância e minhas histórias familiar, social e profissional, portanto, perpassam e se misturam com minha relação com a UNICAMP e esta relação, como dito, começou por meio da DEdIC.

Não tenho a pretensão de me colocar como qualquer tipo de exemplo, mas desejo que outras crianças tenham as mesmas oportunidades que tive.

Aos profissionais da DEdIC, deixo consignado meus sentimentos de respeito, gratidão e admiração.

Continuem com este trabalho tão bonito, que tem a mágica capacidade de tocar e mudar a vida das pessoas.

Raquel Fatima Formenti do Valle

O meu nome é Raquel Fatima Formenti do Valle, eu sou nutricionista, eu trabalho há 30 anos e oito meses na UNICAMP. De todo esse tempo eu trabalhei 26 na Divisão de Alimentação, entre os restaurantes universitários, apoio técnico-administrativo, em paralelo eu participava da equipe sanitária de segurança que começou com o CECOM, iniciou no CECOM, por iniciativa do Dr. Flávio Müller, o qual detectou a necessidade de acompanhamento da saúde dos manipuladores de alimentos, bem como do cumprimento de legislações sanitárias por parte dos Estabelecimentos Comerciais de Alimentação do Campus. Na ocasião ele montou uma equipe, a princípio com a enfermeira Rose Clelia Trevisane, eu como nutricionista, e ele que era o médico do Trabalho. Esse trabalho inicialmente ligado ao CECOM, veio fazer parte da Prefeitura do Campus, na gestão do professor Salvador Massaguer Roig. Quando o Dr. Flávio se aposentou, me deixou na direção da equipe. Incluímos outros membros também; passou a ser uma célula de trabalho, com uma equipe multidisciplinar: Arquitetos, Engenheiros, Combate a incêndio, Segurança do-Trabalho e Medicina do Trabalho, com o objetivo de verificar a estrutura física, saúde dos funcionários e condições higiênico sanitárias dentro das legislações vigentes. . Eu gostava muito desse trabalho também.

Fiquei trabalhando na parte administrativa e apoio técnico por seis anos depois, quando abriu o RS eu assumi o restaurante (Restaurante da Saturnino – Restaurante Universitário próximo à Faculdade de Arquitetura da Unicamp). No período ajudei a implantar o cardápio vegetariano, depois recebi a equipe do HC enquanto eles estiveram com reforma na cozinha. Até reiniciar a produção das refeições do refeitório do hospital de clínicas eu fiquei na Divisão de Alimentação. Em seguida, consegui, que era o meu sonho, vir aqui para creche, e aqui estou há quase 4 anos e meio.

A DEdIC para mim é uma realização profissional, porque eu tive oportunidade de ter um aprendizado, embora já tenha tido três filhos, eu aprendi com as crianças: a ter mais paciência, tolerância, que a criança, mesmo os bebês, apesar de não saberem falar, eles têm a sua forma de se expressar. O aprendizado da alimentação, o degustar, o tocar os

alimentos, olfato, os primeiros contatos, a introdução alimentar; tudo isso é muito gratificante.

Além disso, todo o contato com as crianças, durante a distribuição e a ingestão dos alimentos, o momento no refeitório, é gratificante. A gente poder incentivar os hábitos saudáveis, porque é de pequeno que criamos esses hábitos. A educação nutricional começa na infância. Então do prato colorido, de experimentar, de colocar toda a preparação no prato, experimentar um pouquinho de preparação e a oportunidade também de estar participando com a equipe do pedagógico, não só das culinárias, datas comemorativas, onde a gente integra a nutrição e a pedagogia, bem como toda essa parte de estar com a criança no momento de algo que a integre com os alimentos. Participar das rodas de frutas, que os professores fazem; tudo isso faz parte da educação nutricional. Na culinária, ensinar de onde vêm os alimentos, o alimento que eles podem degustar antes de ser preparado, o que não.

Toda a parte de higiene pessoal, o lavar a mãozinha, prender os cabelos para fazer um preparo de alimentos, e isso estimula a criança a se alimentar, porque ela faz parte do preparo, ela entra em contato com a preparação do alimento, que depois ela vai ingerir. No momento do refeitório, sentar-se à mesa, comer devagar, mastigar bem, e a oportunidade de, quando a gente detecta algum problema com a criança, ou ela está comendo muito rápido, ou ela está obesa, ela não está se alimentando, de poder fazer um trabalho com a criança e com a família, isso é muito gratificante.

A DEdIC para mim… eu vim me aposentar aqui na DEdIC, que é um pedacinho do céu, porque eu fui muito bem acolhida por toda a equipe, não só pedagógica, como de nutrição, como pelos pais, pelas crianças, por toda a direção, eu sinto que é uma extensão do meu lar, é uma família aqui. E a equipe de nutrição aqui é muito especial.

Na DEdIC, as pessoas não trabalham só por trabalhar, elas colocam todo o amor, a alma, dedicação, empenho, e isso faz toda a diferença. Quando você simplesmente executa uma tarefa, você faz por fazer, por obrigação e não te acrescenta nada. Quando você se doa, que é o olhar para o outro, para a criança, que é o nosso foco aqui, é muito gratificante, você se

sente realizado. Eu tenho uma realização muito grande em estar trabalhando na DEdIC, e fazer parte dessa equipe.

O trabalho não só com as crianças aqui de pré-escola, mas as respostas que muitas vezes eles nos dão, porque a criança é muito autêntica, e é com uma simplicidade, mas eles esclarecem tanta coisa, e os adolescentes também, do PRODECAD, onde eu também dou apoio técnico. Da refeição lá, só os lanchinhos nós preparamos, o almoço e o jantar vêm do Restaurante Universitário. Mas às vezes as professoras me chamam por alguma intercorrência, alguma criança que não quer se alimentar, e no ano passado tivemos um trabalho com uma criança, eu e uma professora. Foi muito gratificante, porque o pai veio me procurar desesperado, que a criança estava com colesterol alto, baixo peso, baixa estatura, e não queria se alimentar. Só queria bolacha, biscoito recheado, as coisas de fast-food. A família veio com todo coração aberto pedir ajuda. Nós fizemos um trabalho e foi muito gratificante. A criança não sabia pegar uma fruta, não sabia morder, descascar uma banana… Foi um trabalho que nós iniciamos: de reeducação alimentar em uma criança quase adolescente. No começo foi difícil, ele chorava, ele tinha uma certa restrição, não queria experimentar, mas aos pouquinhos, com conversa, com paciência, sentando ao lado, comendo com ele, e até fazendo com que ele experimentasse o alimento, "Se você não gostar, você não come, mas experimenta". Hoje ele põe tudo no prato, se alimenta, e ele muitas vezes repete. Foi uma coisa que me marcou muito.

Tem alguns outros também que eram mais críticos, que comiam só arroz e feijão, a semana passada, para conversar com os pais, eu apresentei um vídeo para uma criança, que é uma historinha do médico e do João Vitor, é do Youtube, e aí o médico questiona "O que você come, o que você come?", aí ele fala "Arroz", "Tudo bem, e o que mais você come?", "Arroz", e na terceira vez "Arroz", "Mas só isso João?". Na hora, ele começou meio afastado vendo o vídeo, ele foi chegando perto do computador, e ele se identificou, mas ele não assumiu, e falou assim: "Não sou eu", eu falei "Não, esse é o João Vitor, mas a gente vai ouvir tudo o que o médico tem para falar". É muito gostoso esse trabalho. Eles escolhem o local para conversarmos, a gente não conversa na frente dos outros colegas, eu já fiz conversa em biblioteca, no ateliê, aqui na sala da nutrição. Pois o foco

é aquela criança. E para eles também não ficarem constrangidas, porque os coleguinhas, às vezes você chega lá no refeitório "Ah, Fulano não comeu isso, Ciclano não comeu aquilo"...

Eu gosto sempre de ir pelo positivo, pelo lado positivo. Mesmo com os pequenos aqui, eu parabenizo e incentivo quem colocou de tudo no prato e está comendo de tudo. "Aí, toca aqui!", todos querem receber um elogio, ao invés de não comerem, eles acabam comendo para poder participar dessa integração.

Uma coisa muito gostosa aqui na DEdIC também, é essa inclusão das crianças com algumas deficiências, ou físicas, ou mentais, ou de restrição de alimentos, relação a parte das dietas hipoalergênicas. Há uma criança, por exemplo, no PRODECAD, que tem a dieta por sonda. Uma coisa muito bacana que eu vejo que a DEdIC e a UNICAMP estão fazendo por essas crianças. Porque muitos pais chegam para gente e dizem que eles não conseguem nem escola particular que tenha esse atendimento e esse acolhimento para as crianças. E como o nosso olhar é de acolher mesmo, os próprios coleguinhas, eles acolhem, eles correm, abraçam, querem ajudar, é muito gratificante isso, e é um aprendizado, para a vida da gente.

A DEdIC foi um lugar em que eu me senti realizada. Foi o espaço dentro da Universidade onde me realizei como nutricionista e como pessoa. Eu acho que é isso que eu gostaria de deixar. Foi uma escola para mim, de vida e de profissionalismo, porque eu saí da área de legislação, técnica, de alimentação para adultos, que o foco era sempre o adulto, para criança, que eu brinco que fiz uma pós-graduação aqui para ser avó. Eu gostei muito de trabalhar com toda a equipe, com as minhas parceiras, com a enfermagem que foi muito parceira, com os professores e com os pais. Quando eu precisei conversar sobre o filho, que é o bem precioso dos pais, eu sempre fui bem acolhida por eles, eu acho que isso é uma coisa que me gratifica muito também, e o respeito ao profissionalismo, que isso eu tive aqui. Eu acho que quando você é respeitado, quando você tem o seu espaço para você poder desempenhar a sua função, isso é muito gratificante. Estou me aposentando, com muita alegria!

Renata Ragazzo Carpanetti

Sou a Renata, Renata Ragazzo Carpanetti, sou atualmente, professora da pré-escola e entrei na DEdIC em 2015.

Quando eu entrei na DEdIC, ela representava para mim um recomeço, porque eu já havia trabalhado aqui em 2005 como bolsista trabalho (BAS), no PRODECAD, e eu gostei muito e lembro de ter em minha mente que um dia eu queria vir trabalhar aqui. Quando eu me formei, eu passei por outros lugares, percorri outras trajetórias e eu tive um processo um pouco difícil em uma escola em que eu comecei a pensar se eu continuaria mesmo ou não na carreira docente. E quando eu finalmente pedi demissão desse lugar, no mesmo dia, quando eu estava voltando para casa, eu recebi a carta da UNICAMP. Para mim foi muito simbólico, chegar à DEdIC e foi essa sensação de recomeço mesmo. Foi como se quando eu tive coragem de encerrar um ciclo e admitir que eu não queria mais aquilo, todas as outras portas se abriram, e a DEdIC era essa grande porta.

Eu vim para cá e eu tive alguns medos, porque eu nunca tinha trabalhado com educação infantil, mas eu fui recebida por uma professora que também tinha entrado, nós seríamos parceiras, fomos as duas últimas a serem chamadas pelo edital, e a gente, rápido, criou um vínculo de parceria muito legal, e ela já estava há dez anos na educação infantil, então ela me ensinou muita coisa e eu me senti realmente muito acolhida por todo mundo aqui. As professoras que eram novas estavam muito felizes de ter mais uma professora no quadro de equipe e as professoras mais antigas sendo muito cuidadosas comigo, então foi se criando um vínculo bem afetivo com a DEdIC.

A DEdIC, nesse momento da minha vida, tem significado um recomeço, e a cada ano é mais um recomeço, porque que a cada ano é uma nova turma, e sempre há novos desafios, já que tudo é meio que novo para mim.

Eu comecei no Maternal I, mantive com a mesma turma, a pedido das famílias, eu e minha parceira, no Maternal II e no outro ano, no primeiro semestre, eu fui volante (apoio) no Berçário, aí eu voltei para o Maternal I e hoje eu estou na pré-escola. Acho que eu passei por todas as fases, em três anos, muito rápido.

Tiveram dois momentos que me chamaram a atenção, um deles por pontos positivos, outros negativos e outros para reflexão. De positivo, a lembrança que eu tenho muito fortes foi de uma criança do maternal I. Esse garoto que foi meu no maternal, foi minha primeira turma e todo mundo da turma já andava, menos ele, e os pais preocupados e levando ele para médico e a gente também acompanhando e percebia que ele tinha uma tonificação muscular diferente das outras crianças, mas eu fiquei apostando muito no tempo, no tempo dele, incentivando muito ele, e ele com aquela dificuldade para andar. Houve um dia, que eu fui trocar ele, no trocador, e eu me esqueci, deu um branco que o menino não andava, e eu o troquei e coloquei ele de pé do lado do trocador, e falei "Vai lá, volta lá para o parque que a professora está te esperando", e ele foi andando. Quando ele saiu andando, caiu a minha ficha, eu falei "Gente, ele tá andando", e eu comecei a chorar e peguei o celular e comecei a gravar para mostrar ao pai, aí quando o pai veio buscar eu fui correndo contar para ele "Ele andou, ele andou!" e todo mundo chorando de emoção, e daí em diante foi um pulo, foi muito emocionante. Essa criança em particular, ela me ensinou, ela foi uma inauguração da educação infantil, foi sensacional, porque ele me ensinou muitas coisas, e a mais importante que ele me ensinou foi isso, de respeitar o tempo da criança. Cada criança tem o seu tempo e a gente, enquanto educadora, precisa estar muito sensível a isso, e é quase como um equilibrista de circo, porque você tem que lidar com o tempo da rotina da instituição, que envolve um coletivo e você mostrar paras as crianças que, dentro de um coletivo, a gente precisa respeitar o tempo de todo mundo - e a forma como isso é colocado, é colocando um tempo só para todo mundo - mas sem perder de vista essa sensibilidade do tempo individual.

Uma situação negativa foi a de uma criança que estava em desfralde, e a gente tentou, por muito tempo, quase um ano, trabalhar o processo do desfralde, e a família dizia que estava apoiando, que estava tudo ok, mas sempre escapava xixi, escapava cocô. Até que a gente precisou ter uma conversa mais séria com a família e a família acabou dizendo que não, que eles não estavam fazendo o desfralde em casa, então, eu fiquei muito chateada com a situação, porque o processo do desfralde, para mim é um dos processos mais importantes na infância, que precisa

ser feito de uma forma muito respeitosa, porque é neste momento em que se criam muitos processos da personalidade da criança. Ela precisa de apoio nesse momento, e tem tudo para ser tranquilo, se todo mundo estiver a fim. Para mim, ficou uma inquietude, "Nossa, como será que vai ser isso no futuro para essa criança?". Mas acabou que hoje ela desfraldou, e está seguindo a vida e é uma criança feliz, e passou. Mas funcionou para mim como um ponto chave, para as próximas turmas, ficar muito mais atenta no envolvimento da família e da criança, para não deixar isso acontecer de novo. De certa forma parecia que a gente tinha falhado em alguma coisa também. Mas passou, e no final das contas, essa família se tornou super parceira da gente, rolou o desfralde e foi legal, teve um desfecho bom.

No momento atual, que é a Pré-Escola, que é novo para mim, eu estou aprendendo todo dia uma coisa nova e todo dia tem um destaque de história novo, que eu venho para coordenação e falo "Hoje Fulano falou isso", "Olha o desenho do Ciclano", e, como tudo é novidade, para mim todo dia é um destaque. E teve ano passado também, que os pais da turma chamaram a gente no salão, as professoras do módulo, e cantaram uma música para as professoras, em agradecimento ao ano, e aquilo foi muito emocionante, para gente, de ver os pais unidos, com aquela cara meio constrangida, de que não queriam estar cantando, mas queriam homenagear, e foi muito bonito.

Para quem for de fora, e queira se aproximar um pouco da DEdIC, a mensagem que eu deixo é: "Acredite no potencial da criança, mas principalmente, acredite no potencial da liberdade da criança", de quanto mais livre você a deixa – e deixar livre não é deixar ela fazer o que ela quiser ou soltar num parque e só ficar tutoreando o que a criança está fazendo - mas de aproveitar todo o potencial da liberdade dela de falar, de ser, do tempo dela, do processo de criação dela, de que se sujar na escola é massa, gera inúmeras atividades, inúmeros processos educativos, criativos, maravilhosos. Que todo mundo tem o potencial de ser parceiro na educação infantil e acreditar nas crianças, porque a força de energia de vida que elas têm, derruba absolutamente qualquer tipo de empecilho de viver, de qualquer adulto. Estar próximo de crianças não é dar a responsabilidade para eles da felicidade, mas estar próximo de crianças é perceber em você onde estão os

seus pontos de energia mais fortes, porque você também não dá conta de ficar do lado de uma criança se você não estiver atento a isso. E saber ouvir é fundamental, mesmo que você não entenda absolutamente nada do que a criança está falando. O fato de você olhar no olho e demonstrar que você está ali, que você está ouvindo, que o que ela está dizendo é muito importante, faz com que a criança se aproxime de você de uma outra forma, e que o trabalho caminhe bem mais.

A DEdIC é uma creche muito à frente do seu tempo, justamente por ter essa consideração a respeito da infância, em que a infância, a criança é, de fato, importante, e, por mais que haja diferenças no fazer pedagógico de cada professor, existe uma fala em comum que é: a prioridade são as crianças. Em outros lugares que eu trabalhei a prioridade não era "o aluno", a prioridade era a família, era mostrar resultado para a família, e aqui eu vejo que a preocupação é a criança, o processo da criança, a maneira como a criança se desenvolve, o que pode ser ofertado para a criança. Se destaca também, na DEdIC, os espaços, essa quantidade de parques que a gente tem não é algo comum numa creche. Essa quantidade de materiais que a gente solicita e usa, e faz, também não é algo que é tão acessível em outros lugares. A quantidade de professoras, por mais que a gente tenha nossas questões internas de organização, em relação a outros espaços, considerar o trabalho de parceria, é uma coisa que é praticamente inexistente, em redes públicas. E o que eu mais gosto aqui é da autonomia que existe para o professor, na sua atuação pedagógica, e essa autonomia só existe porque existe muita confiança no nosso trabalho. Antes de vir para cá, eu trabalhei como coordenadora de escola, e eu sei que essa relação, ela só existe porque você confia no professor, você só deixa o professor autônomo quando você tem certeza que o trabalho daquele professor vai ser bom e você confia no fazer dele, e aqui eu percebo que essa confiança, ela está sobre todos os professores.

Quando não dá certo, existe uma possibilidade de escuta de questões, tipo "Ah, não tá dando certo tal tipo de trabalho, tal tipo de parceria", ao menos existe um espaço de escuta disso, se vai ser resolvido ou não, depende da questão que está sendo colocada, da estrutura, da burocracia, etc. Mas o espaço para você abrir a porta e falar é muito acessível. Aqui eu posso sair da minha sala de aula e entrar na sala da diretora geral da

DEdIC, batendo na porta e falando “Oi, posso falar com você?”, “Pode falar comigo”, eu consigo acessar, eu não preciso passar pelo secretário, pedir solicitação, marcar na agenda, para talvez... Não, eu atravesso o corredor e chego lá, assim como eu acesso professores de qualquer lugar, acesso a equipe da limpeza, tudo muito na relação direta. A DEdIC também se destaca em relação a isso, há uma tentativa de horizontalização das equipes de trabalho.

Sebastião Martins Vidal

Um jardineiro poeta

Redatoras Maria F. F. Morais e Adriana M. Momma

Revisão Isadora Franco

Sebastião Martins Vital é uma pessoa ímpar, uma figura que encanta a todos a sua volta, alegre, de bem com a vida, sonhador, carismático, jardineiro e poeta. Nasceu em Marília/SP, em 1º de julho de 1938, filho de João Vital e Cecília Martins Vital, porém só foi registrado em 1944 em Tatuí/SP (problemas familiares que desconhece).

Sebastião já estava com 5 para 6 anos de idade quando sua mãe foi trabalhar no convento Bom Jesus, na cidade de Sorocaba. Descreve que no convento havia um cachorro policial de nome Tupi. Ao lado do convento, separado por um grande muro, era o campo de futebol do São Bento de Sorocaba. Após 3 anos, quando já acostumado com o lugar, sua mãe adoeceu. Sebastião foi então mandado para um orfanato em Guaratinguetá/SP, Orfanato Monsenhor João Felipo.

Neste orfanato havia um pomar com árvores frutíferas, uma horta e um jardim. Frei Mariano gostava de levá-lo para a horta e o pomar; Frei Benevenuto gostava de levá-lo para jardinagem. Isso criou em Sebastião um forte contato com a natureza. Sua professora do 1º ano foi dona Anita, com quem deu os primeiros passos escolares. No 3º ano, dona Zilda Alves Cavalheiro, sua professora, viu nele um poeta, e sempre o convidava a se apresentar nas festas recitando poesia.

Sua primeira poesia recitada foi no Dia da Bandeira:

Como é lindo assim brincando
no fugor de etéreo anil
como um zéfiro tão brando
a bandeira do Brasil
Que de encantos se encerra

Para uma alma juvenil
O pendão de minha terra
A bandeira do Brasil

Gostava muito de ler, lia tudo o que vinha em suas mãos: catecismo, revistas, etc.

Quando estava no 4º ano escolar passou por uma experiência muito importante para ele. O cozinheiro Miguel teve que ser afastado para tratamento de saúde e Sebastião foi quem assumiu a cozinha, que era grande: mais de 50 crianças. Isso lhe deu segurança, o que ficou para toda vida. Era ele quem cozinhava, era ele quem colhia na horta, era ele quem colhia as frutas.

Sebastião relata que estas responsabilidades dadas a ele ainda criança formaram um caráter de luta e confiança que o acompanha até hoje.

Com 13 anos de idade tirou o diploma do 4º ano escolar em primeiro lugar, e quando sua professora perguntou qual presente ele queria, escolheu uma camisa. Ganhou uma camisa de seda verde. Ficou muito contente. Continuou no orfanato pois não tinha para onde ir.

Um amigo de escola, cujo pai era administrador de uma fazenda em Guaratinguetá, tinha arrumado para seu filho estudar em uma escola agrotécnica. Quando Sebastião soube disso, pediu para o pai do menino incluí-lo no pedido de matrícula. Este, sensibilizado, o atendeu, e ele pode ir estudar na Escola Agrotécnica Cônego José Bento, em Jacareí/SP. Ali estudou dos 15 aos 18 anos.

Ao sair desta escola trabalhou como cozinheiro, sapateiro, na roça e foi vendedor. Andou muito, trabalhou muito e passou por várias dificuldades. Até descobrir que gostava mesmo de jardins e poesia. E assim se reconheceu e se reconhece até hoje como o Jardineiro Poeta.

Após vários anos viajando, Sebastião chega à Bacia do Amazonas, na Fazenda Araúna, participava de um grupo que iria dividir terras em lotes para serem arrendados a terceiros interessados. Porém sua trajetória por lá não é muito longa, pois teve necessidade de vir a Campinas, cidade de origem de sua família.

Em Campinas iniciou o trabalho com jardinagem nas casas de professores e funcionários da Unicamp, sempre contando histórias e recitando poesias. Os funcionários, professores e estudantes incentivaram Sebastião a escrever um livro de poesia. No início, foi meio resistente, mas depois de juntar algumas poesias e contar com a ajuda da fotógrafa, fonoaudióloga e na época aluna da pós-graduação em Multimeios no Instituto de Artes, Cláudia Pellegrino, fez o boneco do livro. Então, com este em mãos, foi até a casa do educador e escritor Rubem Alves e comentou que queria editar seu primeiro livro de poesia, mas que estava em dúvida. Após ler as poesias já organizadas na ordem de publicação, Rubem Alves disse que gostaria de prefaciar o livro, que se chamaria Contos Poéticos.

Por que este título? Vejo a poesia e tenho vontade e necessidade de contar o que estou vendo. Foi a resposta de Sebastião. Esta resposta comoveu muita gente.

O prefácio de Rubem Alves:

> *(…) diz a Adélia Prado que "a poesia mais ínfima, é serva da esperança. Prova disso é o mínimo poema que ela escreveu: minha mão cozinhava exatamente: arroz, feijão roxinho, molho de batatinhas. Mas cantava." Imaginemos que ela cozinhasse filé, cogumelos e cantasse. Sobre isso, poema algum poderia ser escrito. Porque a alegria que tem raízes não é da poesia. O que faz esse poema é a adversativa "mas": a mãe não tinha razão para cantar – arroz, feijão roxinho e molho de batatinhas. São muito poucas coisas para alegria tanta. E, no entanto, a despeito disso, havia nela uma fonte que jorrava gratuitamente, sem causa, por pura graça. Quando tudo vai bem, a poesia não é necessária. A gente fica alegre e pronto. Goza a vida. Mas quando há um dilaceramento, então a poesia jorra como um trunfo sobre a tragédia. O poeta canta a alegria sem raízes, canta diante do vazio… E isso que é esperança: ter alegria diante da ausência. A poesia de Sebastião é assim. Construída com um mínimo de elementos, igual ao canto da mãe de Adélia. Desse mínimo ela jorra, como fonte de esperança. Do jeito*

> *como dizia Blake, ela reflete a eternidade num grão de areia. É então impossível não ser tocado pela alegria.*
>
> *Rubem Alves*

Sobre seu livro, Sebastião diz:

> *sempre quis fazer algo especial e abrangente que alegrasse as pessoas. Notei que quando falava das plantas, dos animais e da natureza, uma energia sutil e ao mesmo tempo forte começava a envolver as almas humanas. Para mim é um grande prazer interagir com o humano, atingir as percepções, encontrando um tempo num só tempo. O único. A simplicidade da poesia-vida traduz esses sentimentos, eleva-os até desembocar nesses Contos Poéticos. Sentir as coisas como elas são simplesmente, sem colocar nada de nós. Enfim deixá-las livres, autênticas, elas mesmas. Acredito que cada pessoa traz em si um conto. Ou vários contos?*
>
> *De qualquer modo, tenho certeza de que cada pessoa que os ler acabará vivenciando a sua história, tendo a oportunidade de encontrar uma porta aberta… ou várias? Simplesmente, portas desvelando um mundo maravilhoso e simples de contato direto com a natureza. Aqui se encontram os Contos Poéticos, que anunciam meu desejo de que uma infinidade de portas possa se abrir.*
>
> *Sebastião Martins Vital*

Para editar o livro, após várias pesquisas de preços, Sebastião optou por bancar a edição com seus recursos. Procurou a gráfica Art Color, em São Paulo/SP, em 1996. Para vender os livros contou com a cooperação de várias pessoas. Conseguiu vender todos a R$15,00 cada um. Com este recurso, pode investir numa segunda edição da referida obra, também esgotada. Está pensando em uma terceira edição e já possui material para o lançamento de mais dois novos livros. Está avaliando esta iniciativa pois sempre teve em mente publicar conteúdos que acrescentem algo bom em quem os lê.

Em Barão Geraldo, onde mora atualmente, trabalhou como voluntário em todas as escolas públicas, tanto municipais como estaduais, e também

em algumas escolas privadas como educador ambiental infantil. Seu foco foi sempre plantas e poesias, tendo como centro a Educação Infantil. Em 2014, foi convidado pela equipe gestora da DEDIC – Divisão de Educação Infantil e Complementar da Unicamp – para desenvolver o projeto Horta, Compostagem e Educação Sócio-Ambiental, com as crianças e professores da DEDIC. 800 crianças, entre berçário, maternal, pré-escola e PRODECAD, em parceria com a PREAC – Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários. Para realização desse projeto, Sebastião foi contratado pela UNICAMP via GGBS por um período de 6 meses. Sua experiência prática e seu carisma com as crianças foi de fundamental importância para realização e sucesso do referido projeto.

Por seu notório saber participa com a DEDIC e a representa também em vários eventos, como: interação a Semana do Meio Ambiente e com outros programas da Unicamp pela sustentabilidade e ambientalização. Pelos vários serviços prestados e para dar apoio a vários projetos em andamento na DEDIC, em 2015, foi contratado via FUNCAMP, na função de Instrutor de Cursos Livres. Assessorou, até 2019, os seguintes projetos: no PRODECAD – Projeto Plantas e Poesias, com a professora Marina Charaba; no CECI/Parcial – Projeto Revitalização do Parque, com as professoras Sandra e Karina. Projeto Girassol com os pais e com as professoras Gilmara e Danielle. Projeto Caminho Sensorial, com as professoras Valéria Ramalheira, Valéria Damasceno, Eliete Chifoni, Vânia, Carla Oliveira e estagiária Camila. No CECI/Integral – Projeto Jardim Terno, com as professoras Stella Maris e Rosana Antualpa; Pojetos Mãos na Terra, com as professoras Márcia Soares, Valquíria, Cristina Kovalski e Tereza Costa; Projeto Carros, com as professoras Tatiana Farias e Heloísa Dragojevic, Projeto Rio e Mar, com as professoras Renata e Franciane.

Dadas as especificidades na elaboração e manutenção de hortas e jardins, a presença de Sebastião, profissional competente e querido pela comunidade da DEDIC, foi extremamente importante para as crianças, tanto quanto concomitantemente para a sustentabilidade do Planeta.

Para finalizar, um trecho da crônica de Eustáquio Gomes, Retrato do Sebastião.

(…) toda vez que eu o encontro ele se embrenhou em novas aventuras positivas, em ricas experiências humanas, coisas da construção do ser.

Nunca vi ninguém tão coeso e integrado em si mesmo. Recentemente soube que ao lado dos jovens de uma ONG, o GAIA, e dos moradores do Real Parque, ele orientou durante meses a transformação de um lixão numa praça jardinada. Com outra ONG de jovens da Unicamp, Warã, ajudou a recuperar um manancial poluído no assentamento de Sumaré, plantando árvores. Depois foi visto em escolas de Mogi Mirim e depois, a convite da International Paper, em Mogi Guaçu ensinando crianças a conjugar poesias e flores.

Agora é assim, as escolas o arrastam, ONGs o adoram, empresas lhe fazem convites para desestressar seus executivos. Sebastião vai lá com simplicidade de chão, mas também com uma congruência que falta a maioria de nós.

Pequeno, magro, escuro, bigodes densos e cabeleira revolta: um homem em harmonia consigo mesmo. Há anos lhe faço a mesma pergunta: você é feliz, Sebastião? E ele responde: 'sim, sou feliz. Só de eu ter nascido já sou um vencedor'….Sim, ele é feliz!"

Que a alegria, simplicidade e vitalidade de Sebastião contagie a todos e sua história de vida possa inspirar as gerações futuras para a construção de um mundo cada vez melhor.

Valquíria Salustiano Pereira

Crianças pequenas e experimentações na academia: relato de uma professora

Tornei-me educadora de crianças pequenas em janeiro de 1991, na DEdIC (Divisão de Educação Infantil e Complementar) na Universidade de Campinas (Unicamp) onde, como recreacionista, tive meu primeiro contato com a experiência linda de trabalhar com crianças pequenas. A antiga Creche da Área da Saúde (CAS), como era chamada a instituição criada para acolher os filhos e filhas de funcionários da saúde da Unicamp me acolheu enquanto profissional e foi o palco em que desenvolvi todas as habilidades, saberes e prazeres de lidar com as crianças da primeira etapa da educação básica.

De recreacionista, hoje denominado monitora/ agente de educação infantil, fui criando espaço, buscando saberes até tornar-me professora na creche e pré-escola, quase como ir de "tia" a docente, professora, embora este título, por mim tão sonhado, não me fez superior a quem me auxilia ou auxiliou ou alijou-me da função de educar e cuidar inerente a etapa educativa por mim escolhida. Para melhor atender as crianças expandi meus saberes com o curso de Pedagogia pela Universidade Paulista (Unip) e Pós-graduação em educação infantil pela Universidade Salesiana (UNISAL).

Sempre me preocupei em desenvolver meu trabalho visando ao bem-estar das crianças e após conhecer a teoria da minha prática ter o olhar para o desenvolvimento da criança como um todo. Trabalho sempre com foco no vínculo escola e família, pois acredito muito nessa unificação para um desenvolvimento/ aprendizagens graduais e contínuo da criança e um bom relacionamento das professoras com as famílias.

Nestes 30 anos, vivi e colhi muitas coisas com as crianças, suas famílias, companheiras de trabalho, bem como ensinei e aprendi muito com todos. As experiências e histórias são tantas, quanta coisa boa vivemos juntas, eu e as crianças, quanta aprendizagem e quantas coisas não tão legais também, afinal somos humanos, mas estas eu dispenso.

Poderia passar horas rememorando, comemorando cada lembrança tão querida, mas vou ater-me a uma, de certa forma recente e que me propiciou retomar ou vivenciar coisas que fazia tempo que não vivenciava ou que nunca o tinha feito como: escrita de artigos, participação em seminários e o mais importante ter um capítulo em um livro em que narro as minhas ações com as crianças, que foi a experiência que desenvolvi entre a creche os diferentes institutos da Unicamp e tudo que isso proporcionou aos estagiários(as), bolsistas, professoras e principalmente as crianças. "Uauuuu, quanta honra!"

Só tenho a agradecer a toda equipe que acreditou e nos auxiliou para o desenvolvimento do projeto e pela experiência maravilhosa que tivemos, com conhecimentos, aprendizagens, alegrias, socialização de experiências e saberes diferentes.

Yanapa M. Kuikuro

Meu nome é Yanapa M. Kuikuro, tenho 30 anos, sou estudante de Letras na Unicamp, pelo vestibular indígena. Minha companheira chama-se Beth Kuikuro e tenho 4 filhos, Kama Tibi M. Kuikuro, Luiane Kahuitsu Kuikuro, Neythan Payu Kuikuro e Wilker Assariku Kuikuro.

Sou da etnia Kuikuro, moro na aldeia Afukuri do Alto Xingu no estado de Mato Grosso que pertence ao município de Querência. Eu vim para Campinas, São Paulo para estudar na Unicamp e depois que eu me formar voltarei para minha aldeia para ajudar meu povo. Eu vim com meus filhos e minha companheira. Aqui na cidade de Campinas, SP não tenho família.

Eu já trabalhei como professor na aldeia alfabetizando as crianças de 6 anos na língua materna. Por isso escolhi o curso de Letras para eu trabalhar na sala de aula quando me formar.

Estudei na aldeia em uma Escola Estadual Indígena Karib. A minha língua tronco é a Karib e entendo também a língua Aruak e a língua portuguesa como terceira língua para mim.

A aldeia é totalmente diferente da cidade, porque a aldeia fica no meio da mata, os alimentos são diferentes e têm festas tradicionais e vivência do dia-dia tudo diferente. Eu escolhi participar do projeto de Contação de Histórias Indígenas para as crianças na DEdIC, sob supervisão da professora Zilda e acompanhado pelas coordenadoras e coordenação geral, porque eu queria aprender com as crianças e com as professoras e também para as crianças aprenderem com a gente com nossas histórias. Porque vejo muito nos livros as histórias indígenas sendo inventadas por não-indígenas.

Zilda Oliveira de Farias

"Somos tudo da Bahia mia fia, tudo, tudo da Bahia" (by Sr. Zuca)

E nem tudo começou pelas 19h10min do dia 13 de dezembro de 1965 na Casa de Saúde de Campinas no estado de São Paulo, momento que eu "nasci para este mundo", pois antes disso já existiam João, Zenilda, José, Edite, Pedro, Hermelinda, Roque, Onorina... e tantas outras e tantos outros. Acredito que não somos só individuais e sim coletivas, ancestrais.

Como meu avô (materno) Zuca, até seus 92 anos de idade, dizia quando eu perguntava dos seus antepassados: - "somos tudo da Bahia mia fia, tudo, tudo da Bahia ".

Sou filha de nordestinos migrantes, o pai João advindo em 1955 de Itabaianinha Sergipe (indígenas) e a mãe baiana advinda em 1962 de Itaberaba no estado da Bahia. Antepassados, avô e bisavó paternos nativos, originários e maternos todos do interior da Bahia, não indígenas.

Desde criança tive interesse por não conhecer ninguém da família do meu pai (sergipanos) e mais afinidade na identidade com as histórias e culturas indígenas do nordeste que meu pai sempre narra. Meu pai veio de lá, passou algum tempo na cidade de Itabuna e Ilhéus trabalhando em fazendas, no sul da Bahia. Catador de cacau e depois no litoral sul de São Paulo em subempregos por Peruíbe, Itanhaém e Santos, ele diz: "catei muito caranguejos nos mangues para vender e comprar carne". E em Campinas estudando no antigo Mobral, conheceu, se apaixonou e se casou com minha mãe em 1965.

Sou filha de gente honesta, que sempre fez questão de manter "nome limpo", nunca atrasava crediários de roupas que compravam uma vez por ano. Pai operário, analfabeto e mãe maior tempo "do lar" com 4 crianças. Muitas dificuldades financeiras eram comuns, mas não faltou alimento mesmo contando de vez em quando com alimentação pública assistencial para famílias carentes.

Meu pai João explica a certeza que tem 87 anos é que nasceu no ano" da guerra" pois em 1932 autoridades buscavam jovens no interior do nordeste para lutar "na guerra "em São Paulo, foi a revolução de 32, pois meu

avô Pedro, que dominava aqueles caminhos nas matas de Sergipe, se escondeu na mata durante meses para não ser levado, pois era obrigatório servir aquele exército na revolução paulista.

Minha mãe lembra que quando ela tinha uns 15 anos de idade acompanhou na casa da família, no interior da Bahia, município de Itaberaba, na roça, todos os partos das mulheres em casa com parteira e quando as brincadeiras aconteciam na plantação de mandiocas, de feijão, no transporte que eram montarias em cavalos e jegues e carroças. Sábado ia à feira na cidade, momento de alegria e reencontros com parentes e amigos de lá. E após alguém da família ter vindo antes para Campinas, minha mãe veio também, para trabalhar de empregada doméstica no Estado de São Paulo, em construção acelerada com promessa de empregos e estabilidade financeira milhares de nordestinos participaram ativamente da construção destas "riquezas" de São Paulo. Meu pai, como servente de pedreiro em Campinas, depois operário e, minha mãe, como empregada doméstica e depois como diarista, faxineira e copeira em pequenas empresas. Conheceram-se aqui em 1964.

A maior parte do tempo morando na Vila Costa e Silva em casa popular pagando prestações pela habitação por décadas.

Só fui para escola aos 7 anos, antes ficava numa Creche filantrópica – "MEIMEI", quando a mãe conseguia trabalhar de doméstica em casa de famílias mais abastadas na região do bairro Guanabara em Campinas. Estudei em escolas públicas em Campinas por toda educação básica onde currículos e regras com resquícios da ditadura militar ainda se viam até final dos anos 80. Por estas e outras, minha mãe super autoritária e pai super protetor, cresci super reprimida e tímida. Com as mudanças, divórcio definitivo do casal em 1980, eu, filha mais velha, com 15 anos, na ocasião, parei de estudar para assumir os cuidados da casa e a proteção de 2 irmãs e 1 irmão mais novo. Só retornei aos estudos aos 20 anos de idade quando disparei a escrever poesias, ainda era muito tímida, mas fui perdendo a timidez ao participar e vencer alguns concursos de poesias inter escolas, disputar coordenações no grêmio estudantil; vencemos 2 anos consecutivos e concomitantemente a direção da entidade estudantil secundarista de Campinas.

Neste movimento conheci o pai dos meus filhos Paulo Gil, que também era liderança estudantil, municipal e estadual. Interrompi novamente meus estudos quando nasceu meu primeiro filho em 1989, sem apoio para continuar retornei "ao lar ".

A maternidade me foi muito importante, dos momentos mais lindos e realmente sagrados na minha vida. Eu contemplava demais a gravidez, a amamentação, enchia pediatra de perguntas. Passei a ver o mundo de outra forma.

O nome do primogênito foi em homenagem à ancestralidade indígena, com orgulho: Kauê. Seria Kauê Raoni, mas o pai definiu Kauê Gil. Em 2 anos chegou o segundo filho nomeado Raul Gustavo. O pai deles era ativo também nas lutas políticas estudantil e partidária, foi uma grande paixão que infelizmente se findou com desrespeito e agressões. Separada oficialmente em 1998, retornei aos estudos no supletivo do ensino médio inclusive com 2 filhos "na barra da saia" me acompanhava em algumas aulas e depois cursei o magistério com 20 colegas de trabalho em 2004. Graduei-me em Pedagogia em 2013 na UNESP – Universidade Estadual Paulista de Rio Claro. Momento marcante também, de aprendizados e questionamentos. Não foi fácil com 2 filhos, sem automóvel, baixa renda e sem moradia própria, mas foi possível.

Do meu jeito em cada tempo histórico da minha vida, do Brasil e do mundo, mais de 5 décadas de vida, tinha e tenho a consciência da diversidade e pluralidade sociocultural de um território com tanta "miscigenação" seja ela pelo amor ou pela dor pois muitos e muitas foram violentados, estupradas de todas as formas física, mental, espiritual, cultural, social, linguística e política também. E venho aprendendo e reaprendendo muitas coisas na convivência com todos estes parentes, nos estudos informais, não formais e na academia também. E tive a oportunidade de conhecer pessoalmente familiares paternos nos anos 90 e a comunidade indígena destes meus parentes.

Por volta do ano 1900 houve mais uma forte perseguição e violências contra povos indígenas de Sergipe que se "refugiaram" no território lado de cima do rio conhecido como rio São Francisco na cidade de Porto Real do Colégio, assim se formou na união a aldeia Kariri Xocó. Meus parentes

foram para lá, exceto minha bisavó Onorina que foi uma das "sequestradas", tias e tios contavam: "ela foi pega no laço, no dente de cachorro". Levada para a cidade de Itabaianinha em Sergipe. Fiz e ainda faço pesquisa para conhecer suas histórias, língua e cultura em geral e tenho compartilhado com gerações de familiares que não conheciam toda história. Especialmente frequentando a aldeia e conversando com os anciões, sempre que possível. Meu pai, quando bebia nos bares imitava japonês, pois não se assumia indígena por medo, preconceito sofrido durante décadas lá no Sergipe e aqui em São Paulo também. Isso acontece muito no Brasil inteiro.

Minha relação com povos originários se iniciou na infância escutando histórias que meu pai contava e ainda conta. Pesquisei durante muito tempo e encontrei esta história. Infelizmente por não valorizar, pelo apagamento e invisibilidade e/ou felizmente maioria de nós temos sangue indígena e podemos buscar e conectar, interagir com nossos parentes e fortalecer a luta pelos direitos indígenas estejam onde estiverem.

Em 1995 fui contratada pela Funcamp para trabalhar na creche, no CeCI "berçário" na Unicamp. Até então eu só tinha passado por experiências em subempregos ou na informalidade, doméstica, babá, vendedora, balconista, ajudante de cozinha, às vezes, para amigos da família e sem registro na carteira profissional.

Ao longo da profissão me envolvi nos movimentos sindicais pelos direitos das crianças pequenas e das professoras de educação infantil, atuei na Comissão de professoras da DEdIC com professoras das creches da USP, na coordenação sindical – STU (Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp) por 4 gestões, sempre na diretoria de educação e cultura, no Fórum Municipal de Educação Infantil de Campinas em diversos Encontros e Congressos do MIEIB (Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil), do Fórum Paulista e da CONAE (Congresso Nacional de Educação). Em 2008 tive uma rica oportunidade no Encontro Internacional de Círculos infantis e séries iniciais em Havana - Cuba onde conheci muitas professoras dos países latinos.

Milito, no movimento indígena desde 2011 e mais recentemente em 2017 participei de um curso "Histórias, culturas e direitos indígenas " de extensão da UNILA (Universidade Federal de Integração Latino americana,

Instituição de ensino superior em Foz do Iguaçu, no Paraná), em parceria com o CIMI (Conselho Indigenista Missionário), nacional no Centro de Formação Vicente Canas em Luisiana e ano passado participei, na faculdade de educação, da Unicamp, com Daniel Munduruku sobre "temática indígena e literatura indígena na escola".

Nos últimos 10 anos, após encontrar-me com a história real (nativa, originária) de minha bisavó e avô de Sergipe, coincidentemente em Campinas recebemos do Grupo Sabuká - Kariri Xocó e construímos a Rede de Apoio ao Povo Kariri Xocó, na luta pela terra. Além disso buscamos oportunizar, em escolas e espaços culturais de Campinas, São Paulo, Casa Branca, Valinhos e outras a aprendizagem sobre esses povos. Frequento esta e outras comunidades (Guarani em Bertioga e no Jaraguá SP), na Bahia (Pataxós, Tupinambá e Payayá) e venho estabelecendo laços de novas amizades com professores e gestores de escolas indígenas.

Pretendo ainda iniciar formalmente uma pesquisa acadêmica, com a temática indígena e educação. Quando me aposentar pretendo atuar em escolas públicas com formação continuada de professoras e gestores e viajar muito mais pelo Brasil, América Latina e países europeus de cultura celta.

Amo meu trabalho, tudo que aprendi e ainda aprendo acerca da Educação infantil – que não acaba aos 5 anos de idade – é imprescindível para transformação desta sociedade em momento de "transição" para um novo, considerando que há um risco de manutenção ou retorno às barbáries. E reconhecer presença das pessoas, da identidade e histórias das culturas nativas originárias, afro africanas nas políticas de formação e de educação é fundamental, para outra consciência de respeito, de interações construtivas. Podemos acabar com a invisibilidade e negação de nossas origens e identidades originárias, sempre presente sim. "As causas indígenas são de todos nós"!! Mas sempre fui e sou super "realista, esperançosa".

Meu percurso pedagógico e no projeto Politico Pedagógico-2012 da DEdIC conseguimos incluir o reconhecimento da Lei 11.645/2008 para inclusão nas práticas das histórias e culturas indígenas e afro-africanas na escola. Assim desde 2018 vivencio com as crianças, sobre culturas indígenas "Contação de histórias, arte e mídias indígenas e desde 2019 com estudantes indígenas através da parceria com Serviço de apoio estudantil – SAE – BAS,

indígenas do Amazonas, Mato Grosso, São Paulo que trazem histórias da tradição oral e eu as incluo nos planos de trabalho. Experiências e vivências ricas, diversas e nossas, originárias. Imprescindíveis para uma educação anti racista! Eu e todas as colegas e as crianças estamos aprendendo muito da nossa diversidade cultural interagindo também com jovens estudantes indígenas e outras pessoas indígenas que residem em Campinas. Componho o Coletivo EtnoCidade de Campinas para esta visibilidade e valorização de indígenas que moram aqui na região.

Como diria Ariano Suassuna,

"O otimista é um tolo. O pessimista, um chato. Bom mesmo é ser um realista esperançoso."

Epílogo 1

Divisão de Educação Infantil e Complementar – algumas reflexões

Adriana Missae Momma
Marta Regina Perissotto Dellai

As Unidades socioeducativas que integram a Divisão de Educação Infantil e Complementar (DEdIC), da Diretoria Executiva de Ensino Pré-Universitário (DEEPU), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) possuem peculiaridades pelo fato de se constituírem em uma educação infantil e educação não formal em contexto universitário. Uma delas é a presença de crianças estrangeiras e agora, crianças indígenas.

Em 2020[11], os dados do serviço socioeducativo apontavam 753 crianças matriculadas (março), com projeção para atendimento de até 860 ao final do ano, uma vez que ingressam trimestralmente crianças no berçário e, no maternal, pré-escola e educação não formal semestralmente. Do total de matriculados 26 eram estrangeiros e indígenas. Sendo, 08 indígenas; 07 de Colômbia; 01 de Moçambique; 01 de Benin; 05 do Peru; 02 de Venezuela; 01 de Honduras; 01 de Guatemala.

No Centro de Convivência Infantil (CeCI), da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP), há uma criança peruana; no PRODECAD encontram-se 07 (03 indígenas, 02 Colômbia, 01 de Honduras e 01 de Peru); no CeCI Parcial uma criança indígena e no CeCI Integral, Maternal e Pré 04 crianças indígenas, 05 colombianas, 01 de Guatemala, 01 de Moçambique, 01 de Benin, 03 de Peru e 02 de Venezuela.

Todas as 26 crianças são filhas e filhos de estudantes de graduação e pós-graduação da Unicamp e efetuaram inscrição para avaliação socioeconômica que gera uma lista de classificação periódica conforme calendário anual.

Em 2019 a Unicamp efetuou o primeiro vestibular indígena, sendo em primeira chamada 68 estudantes convocados. Dados mais apurados sobre

11. No contexto da pandemia (COVID-19), os dados de matrícula, transferência e outros alteraram-se drasticamente. Sendo necessário, portanto, uma reflexão considerando-se o referido período (2020-2021).

aprovação, evasão e, outros vêm sendo acompanhados pela pró-reitoria de graduação entre outros órgãos da administração central da universidade.

Além das crianças que frequentam a DEdIC, tem-se a presença de indígenas em projetos, vinculados à Bolsa de Auxílio Social (BAS), do Serviço de Apoio Educacional (SAE), da universidade, que possui várias ações que visam a favorecer a permanência estudantil[12].

Em relação aos dados relacionados à cor das crianças, não tínhamos informações até 2017 pelo fato de este item não constar na ficha de matrícula ou rematrícula das crianças. No segundo semestre de 2017, foi inserida a questão para que pudéssemos acompanhar e desde então esse é um dado importante. Uma vez que, por exemplo, ao vislumbrarmos as fotos que se encontram sob responsabilidade da gestão geral, observamos que, o PRODECAD, em especial origina-se com uma característica que, após a demissão de funcionários da Funcamp[13] começa a "embranquecer". Daí a importância de a questão étnico racial constituir-se em tema de pesquisa, sistematização e aprofundamento necessários na agenda da DEdIC para possível fundamentação sobre esta hipótese informal.

Embora os indígenas e mesmo os "estrangeiros" sejam menos que 5% do total, há perspectiva de ampliação de acolhimento às crianças indígenas pelo prosseguimento do vestibular.

Esta vivência é desafiadora para todos os que nela encontram-se envolvida. Acolher e valorizar as diversas crianças, famílias e seus grupos sociais mais ampliados, bem como potencializar este convívio entre diferentes faz-se um compromisso contínuo, uma vez que se constitui intrínseco a um projeto social e pedagógico plural e democrático de sociedade.

Com relação a um outro desafio que requer um trabalho específico, de sistematização e adensamento diz respeito às crianças com diagnóstico

12. Dados dos bolsistas BAS vinculados à DEdIC podem ser acessados no relatório síntese de gestão da Divisão de Educação Infantil – período abril de 2017 a abril de 2021.

13. A contratação efetivada pela Funcamp possui diferenças quanto ao objeto, aos editais e outros. Desde 1994, após denúncia do sindicato dos trabalhadores da Unicamp ao ministério público do trabalho, há contestações atinentes ao assunto. Todavia, em meados do início deste século é que começam as demissões em maior escala.

ou em estudo. Em 04.11.2019, efetivou-se um levantamento de crianças com "deficiências", com base nos dados das coordenadoras de unidades que apontou o panorama que apresentamos na sequência.

No Centro de Convivência Infantil (CeCI) – Período Parcial, Manhã – 7h às 13h15min - 04 meninos da pré-escola: CID10 F84: em investigação autismo; 10 Q90 – síndrome de down e R62 - retardo do desenvolvimento fisiológico normal; F80 – transtorno específico do desenvolvimento da fala e da linguagem e 10 F84 – autismo. Quanto ao período da tarde: 13h às 19h15min: 01 menina da pré-escola, 10 F84: em Investigação; dois meninos da pré-escola: 10 G25.3 síndrome de kinsbourne; e outro em investigação. Os dados do CeCI Integral, maternal e pré-escola, apontavam para: 1 menino, (10 F84.0); uma menina (10 Q 39.0); e outro menino com hipótese de autismo em investigação.

No CeCI, Faculdade de Odontologia de Piracicaba, houve, na ocasião, a indicação de 01 menino da pré-escola, em investigação.

O PRODECAD é o que, em termos brutos apresentou quantidade maior de casos: período da manhã – 8h30min às 12h40min – uma menina de 10 anos com CID10: G71.3 – diabete tipo 1 associada à patologia mitocondrial; outra com 11 anos e paralisia cerebral leve; um menino de 09 anos em investigação, suspeita de transtorno processamento auditivo; um menino de 08 anos com CID 10: Q 05 - espinha bífida e outro de 08 anos com má formação na mão esquerda, sem CID. No período da tarde (11h30min-16h) tem-se os seguintes casos: um menino de 11 anos com CID 10 F84 - autismo; uma menina de 11 anos com 10 F78 – retardo mental; um menino com 11 anos com suspeita de déficit de atenção em investigação e um menino de 11 anos com anoxia. No noturno (17h10min às 19h30min) há um caso de CID 10 F88 – transtorno desenvolvimento psicológico.

O período de distanciamento social que se instituiu em meados de março de 2020, não permitiu que se acolhesse essas crianças em especial, todas as demais e as que adentrariam, como matrículas novas na DEdIC - no berçário (em abril, julho e outubro) e maternal, pré-escola e PRODECAD (julho). Deste modo, todo o planeta, de distintas maneiras, teve sua rotina alterada pela anormalidade que se gerou.

As atividades com as crianças na DEdIC se configuraram em ações que visavam a integração e diálogo com as famílias e, às vezes, com as crianças, uma vez que a polêmica em torno da "EaD" (Educação à Distância) ou educação infantil remota permeou os diálogos e encontros formativos e de prosseguimento do trabalho.

Uma geração de profissionais que trabalha há 20 anos (média) com crianças, jovens e profissionais de distintas gerações se deparou com essa dinâmica onde os tempos e espaços não tinham os "territórios" delineados pelos protocolos administrativos ou outros mecanismos de "controle", demarcações de espaço e tempo compostos por uma rotina onde a primazia do trabalho não se misturava com o dia a dia domiciliar.

Quanto às crianças, nem todas tiveram ou têm os recursos para aquisição de equipamentos eletrônicos. Mães, pais, irmãos trabalhando[14], estudando, cuidando de outros compromissos e sem o "controle" dos chefes... se deparou com um outro "controle" invisível a olho nu, bem como a sobreposição de "tarefas"/ ações.

Uns requeriam o presencial, o semi-presencial ("híbrido"); outros solicitavam compreensão pela impossibilidade de estar "on-line" por que estavam se reorganizando. Uns requeriam mais atividades, outros não acessavam e nos enviavam pedidos de compreensão. A dinâmica domiciliar, subjetiva e o desafio institucional, político-pedagógico de contribuir para minimizar as implicações de tamanha alteração no cotidiano...

Pelo fato de o distanciamento social se constituir em ação global/ mundial, em termos locais, isso implicou, inclusive em alterações contratuais e, em casos drásticos, em demissões. Algumas crianças perderam o vínculo por causa da desvinculação da responsável. Cenários ambivalentes, obtusos e drásticos, impregnados de inquietude, ansiedade e sentimento de que a vida vale muito e ainda pulsa. A luta para preservá-la, mesmo que desdenhada por alguns dirigentes, cuja função precípua deveria ser preserva-la, assim como garantir a dignidade humana. Além de redimensionar as ações pedagógicas, nos

14. No CeCI Parcial a maior parte dos responsáveis encontra-se vinculada ao trabalho na área de saúde. Portanto, esses não tiveram a opção de manterem-se em afastamento social pelo fato de constituírem-se profissionais de áreas essenciais.

embrenhamos em ações sociais e humanitárias para minimizar o impacto do que ainda não digerimos.

O coronavírus trouxe um tensionamento sobre os cenários que podem se desenhar num tempo em que a tecnologia impera e se modifica com velocidade atroz; quase impossível de acompanhar, pois os algoritmos, embora finitos, são programados para acumular e processar informações indicando possíveis soluções que a nossa condição humana e de distintas gerações não consegue acompanhar com efetividade.

Tempos intangíveis, amorfos; tempos de reconectar com a natureza, consigo, com os outros; tempo de (re)omnizar; de (re)democratizar; de dignificar a vida de tudo o que é vivo e habita; se nos habita. Tempo de desencarnar das relações mercantis, do homo economicus para reconciliarmo-nos uns com os outros e com a mãe Gaia - o planeta Terra... Tempo de efetivar direitos à educação infantil de qualidade e tempos de valorizar a educação não só pelo cuidado às crianças, mas pela sua finalidade precípua.

Tempo de compassar o discurso do direito com políticas que efetivem direitos sociais.

Kairós!

Epílogo 2
Um convite para outros escritos

Adriana Missae Momma

Quando me remeto à DEdIC, minhas memórias mais distantes são de 1998. Ano em que ingressei na Unicamp como pós-graduanda. Andava pela cidade Universitária Zeferino Vaz e, quando percorria o campus com o circular interno, sempre passava por um prédio onde se ouvia ao longe as crianças, as professoras e via o sol reluzente sob eles. O que é isso aqui na Unicamp pensava eu com os meus botões... Também me deparava com outro equipamento público e via alguns bebezinhos... Pensava com os meus pensamentos... deve ser a creche da prefeitura dentro da Unicamp...

Já, no início do século atual, tive a grande alegria de conhecer Sueli Helena de Camargo Palmen e tomei conhecimento de sua dissertação orientada pela professora Maria Evelyna Pompeu do Nascimento – a implementação das creches nas universidades públicas estaduais paulistas. Na ocasião Sueli falava com propriedade sobre as buscas e entrevistas, o que inclui sujeitos importantes da história da DEdIC...

Nesse tempo, não poderia imaginar que um dia faria parte daquelas cenas, por mais tópica que fosse minha estada em relação ao seu tempo na história institucional e social da Unicamp. Essas são as travessuras que o "tempo" nos prega.

Ler o texto de Adriana Koyama, minha colega de trabalho, que a pandemia da covid-19, não permitiu um encontro físico é inquietante. Minha xará estudou história na Unicamp, na década de 80 e hoje, como docente na faculdade de educação desta universidade, traz com tanta singeleza, propriedade e sensibilidade a compreensão de que esses fragmentos narrados não dão e tão pouco darão conta de dizer o que é a DEdIC em sua totalidade, mas os nossos textos trazem memórias muito singulares e expressivas. São um convite para o registro, para a escuta e o diálogo.

As narrativas trazem a pessoa humana, com um cotidiano impregnado de sonhos, incertezas, inconstâncias e superações. Desde os relatos

mais detalhados até aqueles mais objetivos, todos trazem o que nos conecta, a DEdIC.

Em tempos e espaços distintos, nos encontros e desencontros que a vida proporciona, a DEdIC constitui-se um elo entre nós.

Nossos agradecimentos ao Guilherme Scarpa Perli que me auxiliou nessa empreitada de escutar e registrar. A todos os narradores que representam um pouquinho do que a DEdIC é e dá pistas do seu devir.

Aos estudantes indígenas e à professora Zilda Oliveira de Farias pela valiosa parceria nos sonhos e realizações, em especial com a questão dos nativos do Brasil.

À Marta Regina Perissotto Dellai pela interlocução, leitura e parceria na organização deste documento. Obrigada Professora Marta pela qualidade de suas proposições como coordenadora do CeCII, pela densidade de suas reflexões e sapiência na escuta e encaminhamentos. Sua voz branda e sua humildade técnico-científica contrastam com a sua lucidez e discernimento, complementando-se.

Obrigada Ligiane Regina Coelho pela colaboratividade, seriedade, rigor e lealdade que a caracterizam como pessoa-humana e excelente profissional.

À Renata Ragazzo Carpanetti pela criatividade incessante no cotidiano com as crianças, manifesta em seus fazeres, saberes, escritos, lives, atuações e ilustrações. Ela é uma das professoras da DEdIC que bem sabe o que são as artes da e na educação infantil.

Muito grata aos familiares daqueles que morreram e dedicaram tantos anos de suas vidas às crianças e ao setor público. Nosso carinho e gratidão prosseguirão em dimensões intangíveis, imateriais.

Às professoras e professores, às famílias que confiaram aos profissionais o cuidado-educação de seus/suas filhos/as. Às crianças que ainda vão nascer e adentrar os espaços da DEdIC e às crianças que hoje cresceram... e que rememoram suas infâncias na DEdIC.

Aos muitos "anônimos" que forjaram a DEdIC e não têm registros materiais de sua contribuição sistematizados.

E, como disse Guilherme do Val Toledo Prado, no Prefácio, não vamos terminar por aqui os diálogos, mas prossigamos nos registros e produções como autoras e autores do cotidiano vivo que é a Educação Infantil na Unicamp.

Prossigamos com a Vida e com muitos outros escritos...

Professor Ademir de Marco, Presente!

Súmula Curricular

COELHO, Ligiane Regina: Pedagoga na Área Acadêmica do Serviço de Apoio ao Estudante – SAE/UNICAMP. Formada em Magistério pelo CEFAM Campinas (1998), pedagogia pela UNICAMP (2002), especialista em educação de crianças e pedagogia da infância pela Faculdade de Educação da UNICAMP (2017). Trabalhou como coordenadora do PRODECAD/DEdIC, UNICAMP (2020/2021); na Secretaria Educacional da DEdIC (2019); na Secretaria de Alunos do COTUCA/UNICAMP (2018/2019); professora de educação infantil no PRODECAD/UNICAMP (2004 a 2018); professora temporária de ensino fundamental I em instituição não governamental destinada ao abrigo de crianças em situação de risco e em escola formal pela Prefeitura Municipal de Campinas, SP (2001 a 2002); professora eventual no ensino fundamental I em escolas estaduais de Campinas, SP (de 1999 a 2000). E-mail: ligiane@unicamp.br

DELLAI, Marta Regina Perissotto: Professora no Centro de Convivência Infantil Integral (CeCII), desde 2006. Formada em pedagogia pela UNIFEOB (1992), especialista em educação de crianças e pedagogia da infância pela Faculdade de Educação da UNICAMP (2017). Trabalhou como professora de educação infantil na Prefeitura Municipal de Santa Cruz da Conceição, SP (de 1989 a 2002), Prefeitura Municipal de Vinhedo (2003 a 2006), UNICAMP – DEdIC (2006 até o momento), como coordenadora pedagógica (2020 a maio de 2021). E-mail: maregina@unicamp.br

FARIAS, Zilda Oliveira de: Professora na DEdIC desde 1995. Formada no Curso Magistério no Centro de formação de Paulínia-SP (2004), Graduada em Pedagogia pela UNESP- Univesp em Rio Claro-SP (2013), Grupo de pesquisa GEPEDISC- Pedagogia descolonizadora- Educação infantil Simplesmente Complexa na Faculdade de Educação da Unicamp, Curso extensão "Histórias, direitos e culturas indígenas" pela Universidade Federal Latino Americano no CIMI em Luiziânia - GO (2017), Curso-disciplina na Faculdade Educação da Unicamp - "Temática indígena na escola" com Daniel Munduruku e convidados (2019), Curso-disciplina na Faculdade Educação na Unicamp "Encontros interculturais" com convidados lideranças indígenas de todo Brasil. E-mail: zildaf@unicamp.br

KOYAMA, Adriana Carvalho: Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, graduada em História pela mesma universidade. Tem sólida experiência em educação e em arquivos, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, práticas de memória e de patrimônio, arquivos e produção de conhecimentos históricos educacionais, em suas relações com as tecnologias digitais de informação e comunicação. Atualmente é docente e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Mestrado Profissional em Educação Escolar da Faculdade de Educação da Unicamp, Pesquisadora colaboradora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada-GEPEC/Faculdade de Educação - UNICAMP. É coordenadora associada do Grupo de Pesquisa Arquivos, Educação e Práticas de Memória: diálogos transversais - UFMG/Unicamp. Atua como Corresponding Member do Subcomitê de Educação e Pesquisa do Programa Memória do Mundo/Unesco. É autora, entre outras publicações, de Arquivos Online: Ação Educativa no Universo Virtual, editado pela Associação de Arquivistas do Estado de São Paulo (ARQ-SP). E-mail: koyama@unicamp.br

MOMMA, Adriana Missae: Professora na Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas desde 2011. Doutora e Mestre em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Unicamp e Pedagoga formada pela Unesp – Araraquara. Integrante do Laboratório de Políticas Públicas e Planejamento Educacional da FE/UNICAMP (LaPPlanE), desde 1998. E-mail: amomma@unicamp.br

PERLI, Guilherme Scarpa: Artista Visual. Bacharel em Artes Visuais pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) e Técnico em Informática pelo Centro Municipal de Ensino Profissionalizante Osmar Passarelli Silveira (CEMEP Paulínia). Atuou como estagiário de Comunicação da DEdIC entre agosto de 2017 a agosto de 2019. E-mail: guilhermeperli16@gmail.com

PRADO, Guilherme do Val Toledo: Professor Livre-Docente, em Educação Escolar (2015), da Faculdade de Educação da UNICAMP. Criador do Nozsoutres - Círculo de Estudos Narrativos em Educação e participante do GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada. Graduado em Pedagogia (1987), mestre em Metodologia de Ensino (1992)

e doutor em Linguística Aplicada - Ensino e Aprendizagem de Língua Materna (1999), títulos obtidos na Universidade Estadual de Campinas. Pós-doutorado na área de Supervisão Escolar, obtido na Universidade de Aveiro. Com experiências na área de Educação, ênfase na Prática de Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, atuando principalmente nos seguintes temas, na graduação e pós-graduação: formação de professores - inicial e continuada, epistemologia da prática docente, professor-pesquisador, escrita docente, investigação educacional e pesquisa narrativa. E-mail: toledo@unicamp.br

unicamp
infâncias
criança
educaçãobebê
dedic
htpc
ldb
ceci
cas
fcm
fop
eca
paepe
cecom
deepu
dgrh
prodecad
enfermagem
criança—adulto
educação—cuidado
universidade estadual de campinas
vivência
toque
teatro
fenf
fef
stu
dga
raça
gênero
cozinheira
auxiliar de limpeza hospitalar
currículo
terra
dea
imaginação
maternal
etnia
sono
mãe
pai
febre
ceci integral
reitoria
graduação
criança—criança
berçário
fralda
trabalho coletivo
parque
blog
oficina
lanche
oficio
interação
nutricionista
professor de nível médio
guarila
não formal
PPP
campinas
experiência
benin
autismo
vagas
diferença
ética
lápis
fop
formação continuada
direitos sociais
down
integração
diversidade
roda de conversa
nutrição
vínculo
conselho escolar
cultura
areia
jogos
professora
indígenas
cipa
knobel
tanque de areia
aeplan
projeto político pedagógico
dma
contação de histórias
ceci berçário
escuta
vogt
respeito
parceria
aprendizagens
visita
arles
cidadania
participação
enfermeira
sae
sol
ps
1/3
projeto
afeto
letramento
funcamp
ceci
pré—escola
biblioteca
magistério
brinquedos
csa
dman
livre
prdu
inclusão
mochila
dedic
leitura
planta
trocador
bebê
live
família—escola
brincadeiras
fe
mudança
projeto pedagógico
fralda
gelatina
papel
mordida
hfpc
brasil
depi
flor
criança
meet
conteúdo
pós—graduação
democracia
humanização
educação física
pedagogia
ceci fop
diálogo
cuidado
hc
toldo
vogt
aldeia
solário
professora de educação básica
recreacionista
terceirizada
prefeitura da unicamp
bandejão
cidade universitária
transformação
auxiliar administrativa
étnico—racial
chupeta
vagas
areia
jantar
almoço
leitor
pedagógico
1/3
projeto
sae
sol
ps
cas
enfermeira
cidadania
participação
aprendizagens
arles
visita
meio ambiente
ceci berçário
dma
contação de histórias
escuta
vogt
respeito
parceria
karaí—xocó
fcm
educaçãobebê
democracia
pós—graduação
conteúdo
meet
universidade
fe
família—escola
mudança
projeto pedagógico
fralda
humanização
educação física
ceci fop
pedagogia
gelatina
papel
mordida
brincadeiras
hfpc
brasil
depi
dedic
deepu
flor
criança
cecom
covid-19
bolsista
creche área da saúde
clauveiro
formação
professor de nível médio
guarila
não formal
PPP
campinas
experiência
benin
autismo
vagas
diferença
colombia
bas—sae
zeferino vaz
toldo
vogt
aldeia
solário
diálogo
cuidado
hc
professora de educação básica
recreacionista
terceirizada
prefeitura da unicamp
bandejão
cidade universitária
transformação
auxiliar administrativa
étnico—racial
chupeta
vagas
areia
jantar
almoço
leitor
pedagógico
jogos
cas
unicamp
infâncias
criança
educaçãobebê
dedic
htpc
ldb
ceci
fcm
fop
eca
paepe
cecom
deepu
dgrh
prodecad
enfermagem
criança—adulto
educação—cuidado
universidade estadual de campinas
vivência
toque
teatro
fenf
fef
stu
dga
raça
gênero
cozinheira
auxiliar de limpeza hospitalar
currículo
terra
dea
imaginação
maternal
etnia
sono
mãe
pai
febre
ceci integral
reitoria
graduação
criança—criança
berçário
fralda
trabalho coletivo
parque
blog
oficina
lanche
oficio
interação
nutricionista
professor de nível médio
guarila
não formal
PPP
campinas
experiência
benin
autismo
vagas
diferença
ética
lápis
fop
formação continuada
direitos sociais
down
integração
diversidade
roda de conversa
nutrição
vínculo
conselho escolar
cultura
areia
jogos
professora
indígenas
cipa
knobel
tanque de areia
aeplan
projeto político pedagógico
dma
contação de histórias
ceci berçário
escuta
vogt
respeito
parceria
aprendizagens
visita
arles
cidadania
participação
enfermeira
sae
sol
ps
1/3
projeto
afeto
letramento
funcamp
ceci
pré—escola
biblioteca
magistério
brinquedos
csa
dman
livre
prdu
inclusão
mochila
dedic
leitura
planta
trocador
bebê
live
família—escola
brincadeiras
fe
mudança
projeto pedagógico
fralda
humanização
educação física
ceci fop
pedagogia
gelatina
papel
mordida
brincadeiras
hfpc
brasil
depi
dedic
deepu
flor
criança
cecom
covid-19
bolsista
creche área da saúde
clauveiro

Educação de crianças na Unicamp
algumas narrativas e depoimentos...

As narrativas registradas nesta publicação constituem-se em pontinhos semelhantes às estrelas que brilham no céu. Nessa analogia, a sistematização procurou permitir a "observação" e, logo, diálogos e reflexões com alguns sujeitos que vivenciam(ram) a educação de crianças na Unicamp. Cada um dos depoimentos traz sua luminosidade dizendo do vivido/refletido e, ao mesmo tempo trazendo muitas perguntas, diante do reconhecimento de que o "universo observável" é mais amplo e prossegue em expansão...

O fascínio da descoberta, do conhecimento e da vida nos convida a interagir com essas e inúmeras outras narrativas.

Adriana M. Momma e Marta R. Perissotto Dellai

9 786589 010302 >

FoxTablet